Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Entre as vedetas mais famosas da cinelândia conta-se HEDY LAMARR, que em tão pouco tempo conquistou uma posição por mérito próprio

2.ª SÉRIE — N.º 33 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 23 DE JUNHO DE 1941 — PREÇO: 1$50



TODOS os que sentiram sempre o acolhedor ambiente da família ou os que a êle regressaram após longas viagens ou abandonos propositados,

DEVEM ASSISTIR

à exibição no cinema

CONDES

do filme com

ZARAH LEANDER

E HEINRICH GEORGE

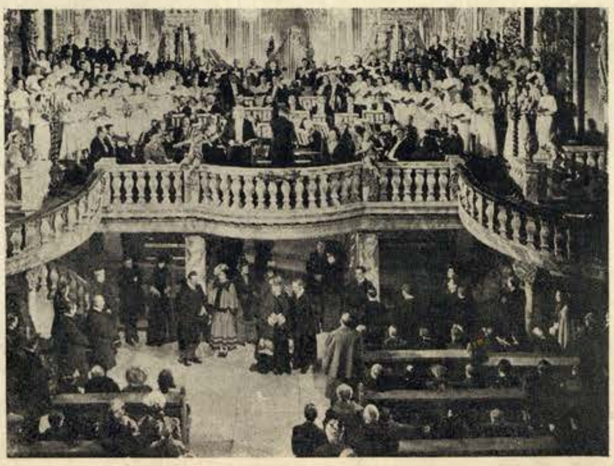
LAR BENDITO

Uma produção de grande classe que marca definitivamente o regresso às nossas telas dos filmes da U. F. A.

DISTRIBUIÇÃO DA

LISBOA-FILME





2.ª série / N.º 33 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276. Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

23 de Junho de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

Rehabilitação dum sistema desacreditado

100 PESSOAS POR DIA

é a média atingida até aqui pelo Serviço de Selecção de Intérpretes da Prod. ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

UM APELO AOS ARTISTAS DE TEATRO

O «PÁTIO DAS CANTIGAS» será, provàvelmente, o segundo filme a realizar

É consolador verificar que, por maior que seja o descrédito que caia sôbre uma instituïção ou sôbre um sistema, há ainda nomes que permitem voltar a utilizá-los e que bastam para os rehabilitar inteiramente aos olhos dos mais desconfiados.

Assim, bastou o nome de «Animatógrafo» e do seu director para asseguraram que o recrutamento de vontades e recenseamento de aptidões que o Serviço de Selecção de Intérpretes da Produção António Lopes Ribeiro ia promover era alguma coisa de diferente das tentativas anteriores. Logo se entendeu, pelo artigo corajoso e claríssimo que publicámos, neste mesmo lugar, na semana passada, que se tratava duma instituïção séria e eficaz, que não prometia mundos e fundos com o mero intuito de publicidade, para depois faltar consoante a sua conveniência.

O que se pretendia

Disse-se que se pretendia saber quem estava disposto a correr a sua *chance* no Cinema, começando pelo princípio, isto é, pela figuração e pelos pequenos papéis. E disse-se que não se pretendia apenas que aparecessem os eternos «meninos cinéfilos», e as competentes «meninas cinéfilas». Pretendia-se, sim, gente de tôda a espécie e condição, com a diversidade que o Cinema requere constantemente, para se aproximar o mais possível da vida que compõe, estiliza e subordina às suas exigências de espectáculo, mas que *imita*, desde que se compreenda desde já que *imitar* é muito diferente de *copiar*. E essas pessoas seriam inscritas, fotografadas por conta da Prod. A. L. R. em retratos de modêlo uniforme (uma cabeça e um retrato de corpo inteiro) para serem convocadas sempre que se necessitasse de alguém correspondendo ao seu *tipo*, às suas características, a fim de figurar *remuneradamente*, em filmes cinematográficos.

500 pessoas em 5 dias

Os resultados não se fizeram esperar: no primeiro dia, nas curtas horas distinadas a tal serviço, foram à Redacção do «Animatógrafo», à Rua do Alecrim, 65, s/loja, buscar as suas senhas de inscrição — 105 pessoas diferentes. Julgámos que, passado o primeiro entusiasmo, diminuïria sensìvelmente o número de candidatos. Puro engano. No segundo dia vieram 95, e no terceiro dia — 110! E durante os cinco primeiros dias, que são aqueles de que temos notícia, apareceram 500 pessoas, de tôdas as idades, de tôdas as condições, dos mais diferentes géneros, a inscreverem-se no S. S. I.

«Animatógrafo» garante inteiramente estes números, sendo-lhe facílimo provar o que aqui deixa afirmado.

Como não é possível inscrever e fotografar conscienciosamente mais de 24 a 30 pessoas por dia, quere isto dizer que os que actualmente já se inscreveram abrangem já cêrca de três semanas de trabalho. Como a cada um dos inscritos é dada a *hora exacta* em que será recebido na sede da Prod. A. L. R., nenhum dêles teve que esperar mais de cinco ou dez minutos.

A continuar nesta cadência, é natural que, ao fim do primeiro mês, quando já devem estar inscritas cêrca de 1.000 pessoas e haja outras tantas para inscrever, já possuidoras das suas senhas de inscrição, com dia e hora marcada, é natural que se tenha que modificar o sistema de inscrição, ou, pelo menos, que duplicar os postos do S. S. I., aumentando o respectivo pessoal, que já emprega 5 pessoas.

Algumas indicações úteis

Previnem-se portanto os interessados que têm a maior conveniência em acorrer prontamente ao chamamento, pois os que tardarem só daqui por bastante tempo serão inscritos definitivamente, perdendo assim oportunidades que muito cêdo se vão apresentar. Como a única despesa a fazer é a do pagamento de 2$50 para o fundo de Assistência e Acção Social do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, não sendo necessário levar qualquer retrato, e como a tabela aprovada pela Direcção do Sindicato, por proposta da Prod. A. L. R. atinge, para os figurantes da 1.ª categoria, 40$00 por sessão de filmagem, julgamos da maior conveniência seguir o nosso conselho.

Também se volta a dizer que ÙNICAMENTE OS INSCRITOS NO S. S. I. SERÃO CHAMADOS A FIGURAR NOS FILMES DA PRODUÇÃO ANTÓNIO LOPES RIBEIRO.

São inúteis quaisquer recomendações ou influências pessoais. Os portadores de Senhas de Inscrição serão recebidos no dia e hora marcada, e SÓ NESSE DIA E NESSA HORA, devendo ir buscar nova senha caso não compareçam, pois não seria justo prejudicar os pontuais por culpa dos retardatários.

Tais métodos não estão, como é costume dizer-se, dentro dos nosssos hábitos... Mas os maus hábitos perdem-se, e os portugueses já estão em muito boa idade de proceder em tudo de acôrdo com os seus direitos — e os seus deveres — de nação civilizada.

Um apêlo aos actores

Pede-nos a Prod. A. L. R. que façamos, por intermédio do «Animatógrafo», um apêlo aos artistas de teatro, para que se inscrevam no S. S. I., afim de facilitar a distribuïção justa dos papéis na futura produção. Às vezes, é pelo simples facto de não ocorrer um nome na devida oportunidade, que um papel é mal distribuído e que, portanto, a sua interpretação resulta insuficiente. Como de cada inscrito se elabora uma ficha especial que permite, por um engenhoso processo, escolher automàticamente os nomes das pessoas que reúnem certo número de condições exigidas por determinado papel, vê-se fàcilmente a conveniência de todos se inscreverem.

Aliás, todos os que já estão contratados ou virão a ser contratados para «O Pai Tirano» e produções seguintes, ficarão com a sua ficha no S. S. I., ao lado de todos os outros, profissionais ou amadores.

Também se diz, para êste caso, que a inscrição no S. S. I. torna inúteis quaisquer recomendações ou pedidos especiais e acaba com o martírio de nunca se saber onde mora exactamente a pessoa de que mais se precisa.

Alguns, inteligentemente, deram o exemplo, aparecendo a inscrever-se *sponte sua*. São aqueles que viram que a Prod. A. L. R. inaugura, de facto, uma nova época no Cinema Português e que, muito legìtimamente, se dispõem a aproveitar dos reais benefícios morais e materiais que ela oferece.

A segunda produção

Embora não seja ainda resolução definitiva, pode assegurar-se que há sérias probabilidades para que o segundo filme a produzir, ainda êste ano, por António Lopes Ribeiro, seja «O Pátio das Cantigas», baseado, como «O Pai Tirano», num argumento de sua autoria, mas de género inteiramente diferente.

Se «O Pai Tirano» foca Lisboa sob um aspecto jocoso, embora sem descer à crueldade da caricatura malévola, nem ao ridículo de troçar do que é, afinal, o fundo melhor da gente alfacinha, «O Páteo das Cantigas» focará o lado sentimental do povo lisboeta, embora haja papéis nìtidamente cómicos, um dos quais será desempenhado por António Silva.

Salvo circunstâncias anormais, que nada permite prever, as filmagens do «Pátio das Cantigas» começarão, o máximo, a 15 de Setembro, ou seja quatro dias antes da estreia de «O Pai Tirano». As construções, que Roberto Araújo já está a estudar, começarão no estúdio da Tobis Portuguesa, já alugado para êsse segundo filme, no dia imediato àquele em que terminem as filmagens de «O Pai Tirano».

É que a continuïdade não é, para a Prod. A. L. R. uma palavra vã.

Também podemos dizer que a encenação de «O Pátio das Cantigas» não será feita, pessoalmente, por António Lopes Ribeiro, que será, contudo seu super-visor e, lògicamente, o director de produção.

A Prod. A. L. R. tenciona formar novos realizadores, indispensáveis à existência dum Cinema Português. E como faz votos sinceros para que todos os que já se acreditaram continuem a trabalhar, tem a certeza de que contribuirá assim para o desenvolvimento e o progresso do Cinema Português.

À Margem das Fitas

POR RAUL FARIA DA FONSECA

Revolvendo papéis velhos, um jornalista americano recorda o entusiasmo com que foi recebido o invento dos irmãos Lumière, ao qual «Le Figaro» de Paris consagrou estas palavras animadores:

«O Cinematógrafo Lumière, como instrumento de precisão, não é apenas uma maravilha da mecânica, nas também o aparelho cronofotográfico mais aperfeiçoado de quantos existem, permitindo a projecção luminosa e móvel de tôda a classe de fotografias animadas».

Isto, escrevia o cronista a 26 de Dezembro de 1895. Se ainda vivesse, que impressão lhe causaria agora a presença duma máquina moderna de projecção com tôda a Babilónia dos seus órgãos anexos?

A propósito de coisas velhas, eis o programa duma sessão cinematográfica em pleno fim do século XIX:

«A Artilharia espanhola fazendo fôgo. — Boxeurs — Os Imperadores da Rússia e o Presidente da República Francesa passeiam nos Campos Elíseos... Saído das oficinas Lumière em Lyon, França. — Baile Infantil. — Demolição duma parede. — O chapéu cómico».

Que variedade!... Que emoção!...

O desenvolvimento do cinema no México atingiu tais proporções nos últimos 10 anos, que 95 % dos teatros tiveram de transformar-se em cinemas.

Segundo estatísticas e inquéritos, a 7.ª Arte destronou, quási por completo, o espectáculo teatral, que o público só aprecia quando é de primeira ordem.

É necessário esclarecer, entretanto, que a indústria cinematográfica do México está muito desenvolvida e, ainda, que é elevadíssimo o número de fitas faladas em língua acessível às plateias mexicanas.

O nosso teatro, feliz ou infelizmente, não corre êsse perigo, embora a popularidade do cinema tenha já modificado, dentro de certos limites, a face das coisas.

Notícias recebidas de Chicago dão-nos a entender que, durante a época calmosa, as salas de espectáculos cinematográficos vão acabar com as sessões da tarde, que serão transferidas para de manhã.

O público recusa-se a ver cinema entre o meio-dia e as 5 horas porque faz muito calor. Os empresários, que já tentaram o novo regime, deramse bem com êle, pois obtiveram aumento de receitas.

Para Portugal, sobretudo para Lisboa, talvez isso não seja recomendável. Por exemplo, as sessões de domingo estariam condenadas a perecer à nascença, porque a maior parte dos espectadores aproveita o dia para dormir até mais tarde.

O CASO DE SHIRLEY TEMPLE

VISTO POR **AUGUSTO FRAGA**



Esta é a mais recente fotografia de Shirley Temple que o «Clipper» nos trouxe de Hollywood

Nestes tempos em que impera o «gás dos nervos», êsse perfume fatal que nos envenena pouco a pouco todos os dias, ainda há notícias que dão satisfação. Esta de que Shirley Temple foi ou vai ser afastada dos estúdios é daquelas que me deixam bem disposto. Aquilo era um crime. Entregar-se uma criança de pouca idade à tirania dos directores cinematográficos, que lhe governavam o sorriso, o olhar, a voz, a atitude para expiar emoções e fadigas, que tanto custam aos adultos, era uma aberração do egoísmo industrial com a cumplicidade de progenitores insensatos.

Aos dez anos, Shirley Temple só deveria aparecer no palco improvisado do teatrinho colegial, na festa de fim de ano ou no aniversário da professora. Nesse ambiente não seria comandada. Não teria de sujeitar-se a dietas mortificantes, movimentos angustiosos, sugestões impróprias da sua idade, que lhe povoavam o sono de pesadelos. Seria apenas criança, seria aquilo que já não pode ser agora. Então os seus únicos problemas seriam os da lição e os seus ideais exclusivos a vitória num jôgo decisivo ou mesmo uma travessura. Nesta altura, encontrará insípidos todos os prazeres da sua idade. É já uma criança cheia de passado. O ambiente de vaidade cultivado pela publicidade, a experiência dos fenómenos profundos, a visão dilatada, a sensibilidade exaurida concorrem para fixá-la num plano irredutível à conduta espontânea e superficial.

Tive sempre para mim o caso de Shirley Temple como um caso de rapto. Fôra raptada dos jardins da infância, não por «kidnappers» profissionais com longa fôlha de serviços, mas pelos própros pais. Foi vítima da fome de dólares, que ela não sabe nem pode disfrutar. Em troca de títulos, de acções, de depósitos — esbanjaram o capital natural da filha, impondo-lhe sacrifícios e extravagâncias.

Há por êsse Mundo fora muitas crianças que dançam, cantam riem e choram como Shirley Temple. Esta, porém, foi a grande vítima. Arrebataram-lhe das mãos a boneca e os vestidinhos para sujeitá-la à camisa de fôrças dos agentes de publicidade. Como um animalzinho domesticado, tornou-se instrumento docil e geitoso do nosso prazer de espectadores. E passou a subscrever autógrafos, a assumir poses brejeiras, a afogar-se com um beicinho de chôro no tumulto, no artifício dos estúdios...

Agora foi capturada e devolvida aos seus tempos de menina. Devolvida a si mesma, aos folguedos pueris, à expansão dos pátios escolares, à liberdade, à irresponsabilidade de que estivera, ganaciosamente, despojada. Mas deve ser tarde para voltar a possuir atitudes naturais, atitudes próprias, que não sejam aquelas que lhe ensinaram com os recursos da técnica cinematográfica e corrigidas pelos efeitos de luz, de som, de indumentária, de caracterização — de disciplina artística.

Voltar a ser menina será difícil. Amanhã, as plateias não lhe recordarão, sequer, o nome que passou de moda abafado por outro sensacionalismo de ocasião. Shirley já viveu pela imaginação tôda a existência numa monstruosa antecipação. Os seus minutos de artista aceleraram os seus anos de vida!

PANORÂMICA

Um almôço

No Restaurante do Campo Grande, ali a dois passos do Estúdio, do laboratório e dos escritórios da Produção António Lopes Ribeiro (que não tiveram inauguração oficial mas onde já se trabalha há um mês sem descanso), reüniu o director do «Animatógrafo» todos os redactores e colaboradores do nosso jornal.

Ali estiveram, trocando impressões durante um almôço rápido (pois todos têm, graças a Deus, bastante que fazer), Mota da Costa, Domingos Mascarenhas, Fernando Fragoso, Augusto Fraga, Félix Ribeiro, Raúl Faria da Fonseca, Vítor Lopes, Sérgio Acúrcio, José de Lemos, João Mendes, António Lopes Ribeiro e Adelaide de Oliveira, pela administração do jornal. António Carvalho Nunes, Fernando Garcia, Fernando Ávila, José Natividade Gaspar, Eduardo Gomes, embora não pudessem comparecer, por motivos diversos, escreveram ou justificaram a ausência pelo telefone. E todos, como diz Domingos Mascarenhas no artigo de fundo que dedica a êsse autêntico «conselho de guerra», ali se encontravam em espírito, solidarizando-se inteiramente com o significado e o alcance de tal reünião.

A. L. R. comunicou a todos os presentes o plano de produção imediata e contínua, que prevê a realização de dois filmes de fundo e quatro complementos até o fim dêste ano e, em 1942, pelo menos quatro filmes.

O primeiro dêles será «O Pai Tirano»; o segundo, possivelmente, «O Pátio das Cantigas».

Em nome dos presentes, Vítor Lopes congratulou-se pelo caminho de realidades certas a que A. L. R. conseguira conduzir o Cinema Português. No fim do almôço, todos visitaram a sede da produção, mesmo em frente do Estúdio da Tóbis Portuguesa, onde também foram ver os cenários do «Pai Tirano» já em construção desde o dia 16.

Durante essas breves horas reafirmou-se mais uma vez o espírito de colaboração e de «frente única» a favor do Cinema Português que «Animatógrafo» representa e tôdas as semanas defende claramente.

«Animatógrafo» e o seu director agradecem as referências feitas na imprensa diária a êsse almôço íntimo, nomeadamente ao «Século» e ao «Diário de Notícias».

Um recital de poesias

João Villaret realizou no Teatro Nacional um recital de poesias em que demônstrou cabalmente as suas extraordinárias qualidades de recitador. Artista de gôsto apuradíssimo e autêntica cultura, provou-o pela forma como escolheu o seu programa que, preenchendo todo um espectáculo, alcançou um êxito verdadeiramente apoteótico.

É consolador verificar que, ao mesmo tempo que no resto do mundo esperneia a guerra mais cruenta, em Portugal há quem promova e vá escutar um recital de poemas .A linguagem dos poetas tem o condão de chamar os homens ao melhor de si próprios. Pena é que lhe não dêm mais ensejos para ser ouvida.

Números «oferecidos»... a 1$50

Sabemos que alguns vendedores pouco escrupulosos não hesitam em vender ao público números do «Animatógrafo» com o carinho «OFERECIDO», isto é números que nós enviamos aos cinemas, às firmas distribuidoras e a algumas entidades oficiais.

Previnem-se de tal facto os beneficiários dêsses números, para que tenham mais cuidado, pois não os julgamos capazes de negociarem o que se lhe oferece, prejudicando-nos altamente. E previnem-se os vendedores que vão ser tomadas providências para que a sua deshonestidade lhes saia bastante cara.

Pola Negri

A caminho da América, como tantas outras, passou agora por Lisboa uma das grandes trágicas do Cinema, Pola Negri, artista cujo nome é inútil recordar aos nossos leitores e muito menos o seu talento, pois todos têm, um e outro decerto bem presente na memória.

Desde «Madame Dubarry», de Lubitsch, em que a vimos pela primeira vez, até «Mazurka», de Willy Forst, a sua carreira é um autêntico rosário de glória artística, embora nem sempre fôssem recebidos os seus filmes com o entusiasmo que o seu trabalho sempre justificou.

Desejamos-lhe excelente viagem e a ressurreição legítima dos seus êxitos.

CONSELHO DE GUERRA

Muito tempo depois da indústria cinematográfica ser a terceira dos Estados Unidos e de em todo o Mundo civilizado se prestar a maior atenção, debaixo de todos os pontos de vista, à produção de filmes, ainda em Portugal se considerava que fazer cinema ou trabalhar no cinema era «coisa de rapazes» — detestável eufemismo que se empregava para mascarar a ideia de que «aquela história das fitas» era ocupação própria ou digna apenas de falhados, de boémios, de destrambelhados inutilizáveis para funções sérias ou actividades sisudas.

Estaria certo se se pensasse que o cinema não era a ocupação mais recomendável para um moço esperançoso que sonha aos vinte e tal anos com a reforma a que há-de vri a ter direito aos sessenta. Mas o raciocínio generalizado era o inverso — e a sentença só podia ser condenatória, por ser lavrada por uma sociedade que tinha mêdo de viver, que asfixiava, numa atitude passiva, de mórbido conformismo, sob montanhas dos preconceitos mais variados e mais absurdos, que olhava o seguro de vida não como uma precaução mas como o mais elevado, o mais ambicionável dos objectivos.

Felizmente êsse estado de espírito evoluiu, mudou quási completamente, sacudido pelo sôpro de renovação que vem transformando o País, a um ritmo muito mais acelerado do que muita gente supõe. E hoje já se considera o Cinema com outros olhos, àparte um ou outro cidadão do outro mundo, pertencente àquela espécie de fantasmas com corpo e alma, vítimas da sua teimosia ou da sua incompetência.

Entretanto um grupo de rapazes — que sempre tiveram, de facto, um santo horror às actividades com reforma — não se deixou intimidar nem pelos preconceitos, nem pela incompreensão, nem pelas outras dificuldades, e teimou, e trabalhou como pôde e o melhor que soube, e fez por saber cada vez melhor, e fez por poder cada vez mais, e fez por trabalhar cada vez mais e melhor.

Êsse grupo de rapazes (nem todos puderam estar presentes, porque o seu trabalho o impediu, mas foi como se estivessem) êsse grupo de rapazes sentou-se há dias à volta de uma mesa de restaurante, convocado por um dêles — um que sabe teimar e trabalhar como nenhum, que tem pelo Cinema mais entusiasmo do que ninguém, que tem artes de tornar possível o impossível. A reünião teve qualquer coisa de conselho de guerra, realizado por estado-maior depois de ganha mais uma batalha, e qualquer coisa de conciliábulo de seita escolar, como os novelistas anglo-saxónicos gostam de descrever — género «Stalky & C.º».

Um motivo ditou aquela assembleia magna: a efectivação de uma das grandes aspirações do grupo, de uma das maiores aspirações de todos quantos se interessam pelo futuro do Cinema Português — pois todos têm perfeita consciência de que só a continuïdade de produção dará possibilidade de desenvolvimento e de aperfeiçoamento ao nosso Cinema. Por isso António Lopes Ribeiro não poderia dar maior alegria aos seus «sectários» do que resolvendo o problema da continuïdade: porque todos êles sabem o que significa essa solução e porque foi êle a encontrá-la.

O Cinema Nacional começa assim a entrar numa nova fase, a vencer o período crítico do seu crescimento. De agora em diante haverá em Portugal quem produza filmes d'uma forma permanente, metódica, organizada segundo as melhores regras. De agora em diante haverá quem trabalhe no cinema, em Portugal, com a indispensável continuïdade, com uma normalidade sistemática e ordenada. É preciso agora que não se trabalhe doutra maneira, que todos acreditem também na possibilidade da produção contínua, que todos queiram também produzir com continuïdade e com método. É preciso que todo o Cinema Português passe a «viver habitualmente» — como Salazar quere que viva Portugal.

O primeiro passo está dado. Por êsse motivo, e apesar do que vai pelo Mundo, nunca o nosso optimismo foi tão grande e tão firme, nunca a nossa confiança foi tão forte, nunca a nossa determinação foi tão obstinada.

DOMINGOS MASCARENHAS

Animatógrafo apresenta

LAR BENDITO

Argumento cinematográfico contado por A. de Carvalho Nunes

Produção UFA

Exclusivo da LISBOA FILME

Realizador: Carl FROELICH

Principais intérpretes:

Zarah LEANDER
Heinrich GEORGE
Ruth HELBERG
Paul HÖRBIGER

A viagem até Ilmigem é longa e fastidiosa, mas Madalena (Zarah Leander) não tem pressa de chegar. O combóio ronceiro vai atravessando paisagens outrora familiares e há nomes de burgos humildes que mais avivam a recordação do passado.

Agora que se aproxima de Ilmigen, quási se arrepende de ter vindo, de ter aceitado um convite que começara por lhe causar irreprimida alegria.

Não volta ela triunfante, o seu nome aureolado de glória que a distância ainda mais aumenta?

A famosa Madalena Dalle Orto, cuja voz é celebrada por tôda a América, hóspede de honra da sua cidade natal!

Sem ceder ao apêlo do orgulho e da vaidade, Ilmigen evoca-lhe de preferência a mocidade, a sua casa, a família, as primeiras ilusões.

Nem por a esperar um acolhimento caloroso é menos amargo êste regresso da filha pródiga que um dia — só ela sabe porquê! — partiu, não em busca da aventura, mas presa à maior das desventuras.

E a figura de von Keller, surge-lhe no espírito em contornos diluídos pelo tempo, sem já lhe provocar desprêso, mas ainda ameaçador na sua posição dominante de homem grado da terra.

Receosa de rememorar a história banal dum amor infeliz, Madalena terminou ali a ronda do passado, quando o combóio já se acercava de Ilmigen.

* * *

Recebida na gare pelas auridades da pequena cidade alemã, Madalena não mais deixou de ser cumulada de atenções, tôda a gente vendo nela a rainha da festa que, em cada ano, é dedicada à música.

Agradeciam-lhe, assim, com entusiasmo ter ela levado consigo o nome do simpático burgo através das suas viagens de artista consagrada, às principais capitais da Europa e das Américas.

A apresentação de Madalena Dalle Orto era anciosamente esperada. A lotação do bonito Teatro municipal cedo se esgotara. E quando o pano foi descerrado e soaram as primeiras frases musicais da ópera de Gluck, *Orfeu e Euridice*, a sala que se tinha enchido com a melhor sociedade de Ilmigen, vibrou de curiosidade.



Habituada a públicos mais exigentes ou menos benevolentes, Madalena sabia bem que o nervosismo de que se achava possuída apenas exteriorizava o seu estado de espírito, inquieto e receoso, ante a aproximação daqueles que lhe eram tão caros mas de quem fora forçoso um dia separar-se.

A interpretação, impregnada de tristeza, teve novos acentos e nunca a artista se deixara arrebatar tão sentidamente pela sua arte, como naquela memorável noite.

E o público soube reconhecê-lo, ovacionando a cantora com tal entusiasmo que esta, comovida, por momentos tudo esqueceu.

Mas sob os aplausos, entre honras e deferências, o seu pensamento continuava preso ao lar que abandonara havia tanto tempo.

* * *

— Gotz!

— Magda!

Abraçaram-se com as lágrimas nos olhos. Êle logo a reconhecera nas fotografias espalhadas pela cidade e imediatamente a procurou no hotel.

Como Madalena se sentia feliz por encontrar o seu amigo de infância, o fiel Gotz, companheiro das travessuras de criança!

E naquela tarde a Ilmigen de outros tempos ressuscitou para ambos, em descuidosa e alegre cavalgada.

Por êle soube depois que seu tio Franze von Schwartz a reconhecera também e que a novidade cedo chegara ao conhecimento da família.

Foi ainda Gotz que contou estar a irmã mais nova de Madalena, noiva do tenente von Wlendowslhy.

Ainda que ela nada tivesse transparecido da sua vontade, o rapaz despediu-se com o propósito firme de procurar o perdão do pai de Madalena.

Esta, por seu turno, tentou aproximar-se da sua irmã, com as cautelas que o receio de ver mal interpretada a profissão de cantora pelo noivo de Maria, parecia justificar. Mas as tentativas não deram resultado e já pensava em retirar-se da cidade sem ter conseguido ver os seus, quando Gotz trouxe a boa nova de que o pai dela se dispunha à reconciliação.

Umas após outra, as ideias sucederam-se vertiginosamente.

Como iria ela encontrar a casa? Que velho havia de estar seu pai! Quem ocuparia agora o seu quarto de menina? Ainda existiria o relógio da casa de jantar, com o soldado, de espingarda ao ombro, que dava a volta à guarita quando soavam as horas?

Ela, que andava de hotel em hotel e se sentia muitas vezes muito próximo parente dos saltimbancos, dava agora todo o valor a esta breve palavra que se pronuncia quási com pudor e contem um mundo de sentimentos e impressões — o **lar!**

Mas Ilmigen guarda dentro dos seus muros a recordação do passado de Madalena. Keller aparece, e a sua presença é uma ameaça constante, insuportável.

Uma conversa entre êle e o pai da cantora acaba por pôr a nú a verdade.

E o velho coronel vê no ca-

(Conclui na pág.14)



A PÁGINA DOS NOVOS

ALVITRES...

Numa Europa agitada, ou melhor, num mundo convulso, Portugal é como um oásis no meio de tamanha calamidade.

Terra florida, luminosa e romântica, onde o chilrear alegre das aves se confunde com o sussurro monótono das populações atarefadas com os seus negócios.

Se olharmos ainda à nossa volta, mas para o mundo cinematográfico, encontramos: o cinema francês paralisado, ou quási; os cinemas alemão, inglês e italiano continuam em actividade, mas essa actividade é pequena: alguns filmes de fundo, mas a maioria filmes de propaganda. Ora êsses filmes não chegam para abastecer regularmente Portugal em matéria de cinema. Por outro lado, a América, fechados os principais portos de exportação aos filmes continuará a enviá-los-nos?

É uma interrogativa deveras embaraçosa, à qual não podemos responder.

Mas imaginemos (na pior das hipóteses) que os filmes americanos deixam de vir; que situação a nossa!... Sem cinema Nacional sòlidamente estabelecido, que seria de tantos e tantos espectadores para quem o cinema é parte integrante da sua vida, que seria de todos aqueles que têm a sua vida, ou melhor, o seu ganha pão de qualquer modo relacionado com o cinema? Ver-se-iam a braços com mil e uma dificuldades...

Com o esfôrço dos nossos realizadores, que estão sempre prontos a dispendê-lo em pro do cinema nacional e seguindo o exemplo da cinematografia espanhola, estou certo que conseguiríamos um número de filmes suficiente para bastar o mercado português e quem sabe... conquistar alguns mercados até aqui nas mãos de outrem.

E para isso, no meu fraco parecer, não seria necessário embrenharem-se nas bibliotecas à procura de um romance adaptável ao cinema e passá-lo para o celuloide.

Podiam fazer filmes originais, não ficando assim o espectador mal impressionado com a discordância que quási sempre existe entre o filme e o romance originário...

Não temos nós uma História, única do mundo, repassada de páginas de ouro, escritas com o sangue dos nossos maiores?

Eis uma fonte inesgotável de argumentos para filmes. Quer o realizador procurasse fazer um filme de aventuras, um filme sentimental e amoroso, ou um filme doutrinário, tudo isto encontraria na nossa história.

Desde D. Afonso Henriques, D. Pedro I, D. Fernando e D. Nuno Álvares, até aos nossos dias, era só escolher e aí teríamos um filme que por certo cairia no agrado geral.

Dirão alguns: «isso custaria rios de dinheiro...» Talvez tenham razão, mas não seria uma coisa por aí além...

Portanto se não quiserem abordar tais assuntos, por pouco económicos, mas de efeito cénico garantido, tinham mais onde deitar a mão, fugindo de futilidades.

Por exemplo: um filme sôbre o valente exército, sôbre a gloriosa marinha, ou ainda sôbre a audaz aviação portuguesa. em que se destacasse a bravura, audácia e abnegação do soldado português, não esquecendo também o fio sentimental e amoroso, seria um êxito seguro para as bilheteiras.

Mas... querem mais exemplos?...

A vida dos cadetes nas escolas do Exército e da Marinha, escolas de formação dos valentes e briosos oficiais portugueses, oferecia um belo campo onde se podiam colhêr apontamentos de indiscutível valor para a realização de um filme de exaltação patriótica, que é o que de momento necessitamos.

E para finalizar uma ideia:

A Mocidade Portuguesa, escola de patriotismo e civismo, onde se formam os futuros dirigentes da Nação, sob a divisa «mais e melhor», com as suas lutas internas (para a realização dos fins que a M. P. tem em vista) com o trabalho extenuante de preparar rapazes para a vida, com os desportos, nas suas várias e inúmeras modalidades por ela praticadas, parece-me ser também um assunto interessantíssimo para ser tratado em cinema.

Mas como tudo isto é muito bom de dizer, mas mais difícil de fazer, (a questão era haver boa vontade, disciplina, cooperação e compreensão... que tudo se conseguiria) não vos maço mais...

DUARTE MARVEL

CORREIO DOS NOVOS

ZÉ LAGRIFFA — Já publiquei. Viste?

CONDE DE MONTE CRISTO — Ficaste satisfeito ao ver a tua crítica nestas colunas? Manda mais nêsse género.

GUILHERME A. RAMOS PEREIRA — É muito extenso o que mandaste e aquela referência a determinada artista — e que não discuto — é excessiva para se publicar, como decerto concordarás...

OUBLI — Então saiu um artigo que não era teu e que, por um acaso levou a tua assinatura e não protestaste? E se tivesse por baixo o nome de Camilo, então nunca mais falavas, com certeza... O artigo sôbre cinema na província vai ser publicado. Sempre às ordens.

UM ANALFABETO — Excelente a tua carta. Pena é que seja tão extensa (excede a página dêste jornal), aliás publica-la-ia de bom gôsto.

ESPERANÇOSO — Aqui tens o conselho que pedes: deves, de facto, continuar a escrever. A persistência, a aplicação, o estudo, são os grandes auxiliares de quem tem um objectivo na vida. O teu artigo não está nada mal, porém, exactamente na ocasião em que a família cinematográfica está unida e reünida, parece-me extemporâneo publicá-lo. Não é verdade?

CLÁUDIO E ANTÓNIO C. GUIMARÃES — O primeiro artigo saiu um artigão! Sim, senhor, tem o cumprimento da légua da Póvoa! Mas está bem escrito. É interessante. Veremos o que se pode fazer. Mandem sempre... porém, mais curto.

SWING CINÉFILO — Mal alinhavadas linhas, dizes tu? Bem alinhavadas, digo eu... Está engraçado e concordo com a doutrina.

«ANIMATÓGRAFO» encarrega-se de fazer chegar, gratuitamente, às mãos de todos os artistas portugueses de cinema, as cartas que lhes forem enviadas, ao cuidado da nossa Redacção, para a Rua do Alecrim, 65, 1.° — LISBOA

PORQUÊ?...

Porquê o português indiferente, submisso e em regra pouco loquaz, sempre que uma voz autorizada lhe faz sentir uma falta, um êrro ou um benefício a que tem jus; se compraz em servir-se do incomensurável vocabulário para tornejar, desvirtuar, complicar e dificultar a questão mais simples?!

Ante esta interrogação, fiz, como uso fazer: estudei-me a mim própria. Vejamos — exclamei: ¿Qual o sentimento que te impede, não só de escrever sôbre o assunto, como ainda a complicá-lo com as tuas meras opiniões? Confesso! Êste primeiro grito da minha consciência ia abalando os alicerces do humilde edifício que tento erguer. Salvou-o da derrocada o cêsto dos meus papéis, a consciência de que escrevia «absolutamente livre» e que me restava ainda o supremo recurso da mesa censória e do cêsto salvador de ridículos e depósito confidencial de inutilidades. Prossegui, interrogando-me: ¿Sentes satisfação em ver impressas e discutidas as tuas opiniões? Sim! Mas... O tão decalcado mas, interpôs-se entre o meu orgulho e o amor próprio. — Para isso, exigiu o segundo, é necessário que as tuas opiniões mereçam a atenção que elas próprias devem despertar, que sejam de facto opiniões e não apenas simples frases mal firmadas que, revelando desejo, podem não constituir opinião. Para isso é necessário que as tuas opiniões, àparte certa firmeza, sejam correctamente expostas, dimanadas dum raciocínio tanto quanto possível claro.

Por estas respostas dos dois sentimentos básicos do carácter, dispus-me a traduzir os desejos do público amante de filmes, que, a gracinha duns e o mau entendimento de outros, não quere que sejam cinéfilos.

No nosso país, aquele que pretende dedicar a inteligência e a boa-vontade à boa causa, ou assume atitude de leão invencível e águia orgulhosa ou aferrolha os seus predicados deixando «aos entendidos» o cuidado de solicitar o seu auxílio, fazendo justiça aos seus méritos.

Como o público, que eu teimosamente chamo cinéfilo, é quem deve julgar — quer das faculdades dos realizadores, quer dos valores dos filmes portugueses — cumpre-me, como cinéfila, não entendida em assuntos de técnica, afirmar que o público, em geral, é menos exigente e mais generoso do que «a crítica» e espera dos erros dos principiantes, as sábias lições dos mestres do futuro.

¿Desejamos filmes bem argumentados, plenos de vida e vigor, replectos de arte e maravilhosos de interpretação? Pois bem. Tê-los-emos! Quando aqueles que equivocamente se degladiam, prejudicando-se e prejudicando-nos, se unam para nos servirem.

MARIA GIL



LARAINE DAY

Muito graciosa, muito insinuante, Laraine Day conquistou, êste ano, o público português em duas produções de géneros diferentes e que, por isso mesmo, marcam bem a elasticidade do seu talento: «Correspondente de Guerra», distribuído pela SONORO-FILME, e «Chamam o dr. Kildare», da M-G-M



A vida é um film....

filmar é revivê-la, em absoluta realidade eternamente

Nada há que nos relate o passado, com tanta realidade, com tanto interêsse, como um filme cinematográfico. Nem um só movimento se perde. Tudo ali fica, precisamente como se passou ou aconteceu — um tesouro precioso de recordações para o futuro...

Centenas de milhares de pessoas fazem hoje os seus filmes e dêles fruem enorme prazer. Não perca mais tempo. Decida-se já a filmar os acontecimentos mais importantes da vida, aqueles que se não repetem, que é vosso desejo lembrar para todo o sempre...



Ciné-Kodak 8

O aparelho de filmar para toda a gente

KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

ENCONTROS E DESENCONTROS do cinema português em Portugal

por ACÁCIO LEITÃO

Isto começou logo às primeiras tentativas animatográficas, aqui em Portugal.

Estavamos ainda no tempo do cinema mudo, e da fita panorâmica. O mudo alternava entre a lânguida e estática, preciosa e elegante filmagem italiana, francesa, e mesmo alemã, e a dinâmica, movimentada e brutal produção americana. A fita panorâmica, era mesmo a fita panorâmica; série enfadonha de fotografias de paìsagens e monumentos, montanhas, quedas de água, campos e colinas, pórticos, tôrres, mosteiros e castelos, vistos de cima para baixo e de baixo para cima, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, procurando entre o público do cinema os dois ou três espectadores que fôssem daqueles sítios, para encontrarem alguém que apreciasse a fita.

Quando apareceram as primeiras fitas portuguesas, logo se verificou que elas não seguiam deliberadamente qualquer dos estilos em voga, mas lançavam mão ao panorâmico, à paìsagem e ao monumento, exactamente com o mesmo critério com que o nosso vizinho da leitaria compra, para vender, rebuçados desportivos, com os retratos dos ases da bola nos papéis que os embrulham.

O cinema entraria em Portugal, em concorrência com as barracas de vistas das feiras provincianas, convencido que não teria público, nem faria carreira, a fita que não tivesse uns quadrozinhos de Sintra ou do Bussaco, uns trechos do Convento de Mafra, da Batalha, de Alcobaça, ou doutras paìsagens e outros monumentos que chamassem o público à contemplação e à viagem por êsses lugares famosos. O resto era enrêdo, e como enrêdo e como resto, ia-se buscar a qualquer página de jornal, o grande e horrível crime ou o êrro judiciário, ou procurar-se entre os romances mais populares de há cinqüenta anos, ou fazia-se mesmo ali a novela, de improviso.

Triste é confessar que ainda muito pouco se passou de aqui.

O mal-entendido entre o cinema português e a sua própria Pátria resulta pois, com aparências de paradoxo, da insistência com que se tem pretendido mostrar Portugal aos portugueses, e da falha de critério, da improvisação e do amadorismo com que se têm realizado quási tôdas as fitas da nossa produção.

Ainda me lembro duma fita em que se pôs um casamento aldeão nas Capelas Imperfeitas e não é preciso forçar a memória para recordarmos outra em que se faz uma estopante viagem de camionete de Lisboa para o Pôrto, acho que só para que se veja o caminho...

Pois apesar disto, apesar das fitas que se passam no Minho e na Nazaré, no Algarve ou na Beira, no centro ou na periferia, no Norte ou no Sul de Portugal, ainda não vimos que se tivessem aproveitado conscienciosamente, com fino gôsto e claro saber, a extraordinária riqueza de temas e de cenários, de quadros de costumes e de cenas da vida do povo, de lendas e tradições, de panoramas e de monumentos, em que as nossas províncias e as nossas cidades, revelam e perpetuam o nosso portuguesismo e o nosso característico viver.

Porque não basta pegar-se no romance de há 50 anos ou na



novela improvisada, formar, aqui em Lisboa, uma caravana garrida e alegre como quem vai para um piquenique e partir para o lugar onde decorrerá a acção, e uma vez ali, desatar a filmar o que vai surgindo, o que vai ocorrendo, o que se vai passando...

Interessante seria fazer-se um filme dumas dessas filmagens. Haveria de tudo, o drama, a comédia, a farça, cenas tristes, cenas graciosas, cenas cómicas, com o realizador por protagonista e a sua improvisação por entrecho...

Ve-lo-íamos logo de manhã, com a indispensável «toillette» de cineasta, calções à golf, pull-over, em mangas de camisa, a percorrer a vila ou a aldeia e os campos próximos, à procura de locais, dos fundos para a fita imaginada. A gente do lugar persegue com natural curiosidade, aquele senhor assim vestido que pára aqui e acolá a olhar para uma rua, para uma casa ou para um recanto de paìsagem, com aquela competência que ainda não foi compreendida mas logo se verá.

Não tarda que a companhia venha para a rua e comece a filmagem. Então é um alarido e um bulício para dois ou três dias...

Berra-se pelos altos-falantes, colocam-se reflectores, corre-se para um e outro lado, repetem-se episódios que não ficam a gôsto senão à quarta ou quinta vez, compoem-se ali mesmo as indumentárias e as caracterizações, estudam-se e trocam-se papéis, conversa-se, discute-se, ralha-se, mal se dorme, e ao fim dêsses dois ou três dias, antes dois que três porque o capitalista já anda a amargurar a existência do realizador com o dinheiro que se gasta, está a fita quási pronta e a caravana volta para Lisboa, desenfadada e dormitando, volta do piquenique...

Ainda nao falei da música que já estava escrita, que anda tôda em volta de uma canção ou de um fado, e que se destina, o fado ou a canção, a ser até que venha outra substituí-la, cantada pelas criadas de servir ao arrumarem os quartos, assobiada pelos garotos, a caminho da escola ou do recado, gravada em discos que a levarão, pela radiodifusão ou pela grafonola, aos últimos recantos de Portugal.

Entretanto é consolador verificarmos que temos grandes condições para fazermos bom cinema; que aos nossos realizadores não faltam, em geral, faculdades de vontade e de talento para dirigirem a produção de filmes intencional e cuidadamente portugueses, que há quem os saiba interpretar, quem lhes forneça boa música, e uma infinita variedade de temas para entrechos.

Apenas é preciso que sejam outras as circunstâncias em que se realizem êsses filmes, circunstâncias que andam certamente ligadas, dependentes do dinheiro e das suas facilidades ou exigências, da pressa, da precipitação ou da tranqüilidade com que se trabalhe, das ajudas, dos estímulos ou dos entraves e derrotismos que se encontram.

Portugal está à espera, anciosamente à espera que comecem a percorrer, a conhecer, a estudar, com espírito observador e curioso, com atenção e com interêsse, com a melhor vontade e sem pressa, os nossos realizadores cinematográficos, até agora lamentàvelmente presos a mesquinhas condições de eventualidade e acaso, de desorientação e inconstância.

Portugal está à espera, como a rapariga a quem prometeram levar ao fotógrafo para tirar o retrato, de Trás-os-Montes ao Algarve, da Beira à Estremadura, da fronteira ao litoral, em casa e ao ar livre, ao Sol, ao Sol português, à luz formosíssima, como não há outra, como se houvesse um sol para Portugal, e outro para o resto do Universo, Portugal está à espera, antegozando a alegria de se mirar e rever na sua vida íntima e nos seus grandes quadros de exterior, nas suas paìsagens e nos seus costumes, no seu folclore, na sua alma profunda e na sua graça irradiante.

Para que o cinema português se encontre, pois, com a sua Pátria, sem mal-entendidos nem precipitações, sem constrangimentos nem reservas, num amplo abraço de viva camaradagem, é preciso que todos estejamos neste bom combate, os realizadores e os capitalistas, os técnicos e os eruditos, os homens de letras e os críticos, os espectadores e os imaginários...



É justamente como imaginário que aqui venho, poeta e imaginário que percorrendo as nossas províncias, com curiosidades de espírito e com o coração nos sentidos, observou o povo e fixou os panoramas, sentiu vibrar a alma da Raça e ficou enamorado, mais enamorado, da sua Pátria e da Grei, de Portugal e da sua gente, das suas virtudes e das suas paixões, da sua vida e do seu Génio.

O CINEMA PORTUGUÊS EM MARCHA

TERMINARAM OS INTERIORES DE ALA, ARRIBA!

O filme que LEITÃO DE BARROS dirige sôbre um argumento de ALFREDO CORTEZ constitui um valioso documento sôbre a vida heroica e misteriosa dos Poveiros

«Animatógrafo» já informou os seus leitores de que o primeiro cenário interior construído para «Ala, arriba!» era a reconstituïção duma Igreja da Póvoa do Varzim.

Nesse *décor*, de que publicamos pela primeira vez uma fotografia, filmaram-se algumas das mais importantes cenas do filme.

Desmontado, ergueram-se novos cenários, entre êles uma característica casa de poveiros com os seus catres tão cinematográficos. E, por último, filmaram-se planos no interior duma prisão.

Restam algumas cenas de *transparência* para o que veio, propositadamente, da Póvoa do Varzim um barco de pesca.

Durante esta semana a equipa virá para o ar livre acabar os últimos planos para êste novo filme realizado por Leitão de Barros.

Surprêsa

Quem entra na Tobis Portuguesa e passar o portão ficará surpreendido. Ao fundo surge um cemitério!...

E o mais curioso é que êste ambiente é para festa.

Têm os poveiros por costume, após o casamento, fazer uma visita ao cemitério, onde vão jurar, perante os seus mortos queridos, que o seu lar será sempre feliz e que serão amigos até à morte.

Azáfama

A Tobis Portuguesa tem agora sob contrato duas equipas: a de «Lôbos da Serra» e a de «Ala, Arriba!».

Isto provoca, como se deve calcular, uma enorme actividade no Estúdio. Sucede haver técnicos de um dos filmes que têm ao mesmo tempo que interpretar figuras no outro.

Há, ainda o facto de só possuírmos um caracterizador que tem de pintar diàriamente dezenas de pessoas nos dois filmes. O director de produção multiplica-se. Atende «Ala, Arriba», atende «Lôbos da Serra» e sobe e desce o caminho do Estúdio, vertiginosamente dentro do seu automóvel.

Se pensarmos que ao mesmo tempo, se constroem cenários para «O Pai Tirano» parece-nos bem que até à data não houve no nosso Estúdio semelhante azáfama.

A equipa de «Ala, Arriba!», para que se cumpra o contrato estabelecido entre a Tobis Portuguesa e a Prod. A. L. R. tem trabalhado ùltimamente das seis da tarde até de madrugada. E assim alguns dos técnicos do filme «Ala, Arriba», que também trabalham no filme de Jorge Brum do Canto, andam numa autêntica roda-viva.

Antes assim. Mas talvez não fôsse impossível que tão grande actividade justificasse um pouco mais de pessoal e menos acumulações.



Uma igreja reconstituida no estúdio do Lumiar. Cenário magnífico onde se desenrolam algumas cenas vividas pelos pescadores-actores, cujas interpretações são um prodígio de verdade e de simplicidade

Nativos

Leitão de Barros ao imaginar o filme que agora realiza, resolveu que só entrassem como intérpretes poveiros autênticos.

Excluindo o actor Luiz Pinto, que interpreta a figura de um padre, e que é também o ensaiador de todos os intérpretes e a característica Maria Mesquita, os demais *actores* de «Ala, Arriba!» são nativos da província em questão.

E todos os outros têm cumprido com vantagem a confiança que neles se depositou.

Elsa Bela-Flor

Publicamos hoje a primeira fotografia cinematográfica de Elsa Bela-Flôr.

No *plateau* da Tobis Portuguesa tivemos ocasião de falar com Elsa, que com a sua natural afabilidade nos disse:

— Estou satisfeitíssima. Acho que, quando ganhamos para trabalhar, devemos fazê-lo com amor e vontade. Espero que estejam contentes comigo.

Por nossa parte sabiamos que todos estão satisfeitos com o trabalho de Elsa. Recordámos que, um dia em que Luiz Pinto a ensaiava, ela tomou tanto a sério o seu papel que chorou lágrimas autênticas. Isto não é fantasia de *repórter*. É a verdade.

Preguntámos a Elsa que tal achava o filme e os seus colegas.

— Muito bem. Nós repetimos aqui a nossa vida na Póvoa. Portanto é fácil.

Olhámos Elsa Bela-Flôr e pensámos: Fácil para êles, quando os maiores actores têm falhado no Cinema...

— Sabe? Vi agora pela primeira vez a minha figura na fita e gostei.

Nós também havemos de gostar de ver Elsa Bela-Flôr e todos os seus patrícios quando se estrear «Ala-arriba!».

J. M.



Elsa Bela Flor, nome bonito duma mulher bonita. Veio do mar para o estúdio. Sairá do estúdio para a tela — e para o mar. Conquistará a popularidade e voltará à humildade da sua vida tranqüila e simples

NOTÍCIAS DE «O PAI TIRANO»

Filme de ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Desde segunda-feira, 30 de Junho, que se constróem activamente no estúdio da Tobis Portuguesa cenários para «O Pai Tirano». Já se ergue, a um canto da grande plataforma de filmagens, o teatrinho de amadores em que decorrerão algumas das cenas culminantes do filme de António Lopes Ribeiro, visto que é o título duma peça de teatro — um drama em dois actos intitulado «O Pai Tirano ou O Último dos Almeidas» — que dá o nome à fita. O teatrinho tem sala, com uma ordem de balcão, um palco completíssimo, camarins, corredor e o indispensável bufete.

Ao mesmo tempo que o complexo do teatro, com os seus 6 compartimentos distintos, montar-se-ão — e algumas paredes já se levantaram, aqui e ali — outro complexo, o da pensão, com casa de jantar, onde habita o protagonista, o Chico, desempenhado por Ribeirinho, e ainda uma secção dum grande estabelecimento de Lisboa: a secção de sapataria.

Tôda a superfície do estúdio é assim inteiramente aproveitada, graças ao engenho do decorador do filme, Roberto Araújo.

Mas uma segunda «camada» de cenários será ainda necessária, uma vez que o estúdio da Quinta das Conchas possui um único *plateau*. E então serão construídos os restantes *décors*: um palacete luxuoso, com átrio, salão e dispensa, com a respectiva cave, e a secção de brinquedos duns Grandes Armazéns. O teatro êsse continuará por demolir, pois será utilizado muito largamente, para cenas de ensaios e uma famosa récita, com a sala cheia — primeira oportunidade que é oferecida aos inscritos do S. S. I. da Produção António Lopes Ribeiro.

Mais nomes vieram juntar-se, na última semana, ao elenco, já importantíssimo de «O Pai Tirano». A distribuïção completa será publicada oportunamente. Mas desde já podemos indicar os seguintes intérpretes, como *firmes*:

Vasco Santana, Ribeirinho, Tereza Gomes, Armando Machado, Barroso Lopes, Seixas Pereira, Henrique de Albuquerque, Reginaldo Duarte, Emília de Oliveira, Laura Alves e Idalina de Oliveira.

As suas primeiras figuras femininas serão interpretadas, como já é sabido, por Leonor Maia — a nova descoberta de António Lopes Ribeiro — e Graça Maria, que tão boas provas deu em «Pôrto de Abrigo».

Outros nomes se lhe juntarão, sendo natural que entrem na comédia de A. L. R. mais os seguintes artistas: Laura Hirsch Carlos Alves, Joaquim Prata, Sofia Santos, Júlia da Assunção e... João Villaret.

Como a lista ainda não fica por aqui, calcule-se que extraordinária «companhia» vai assegurar a interpretação (dificílima, diga-se desde já) da primeira produção António Lopes Ribeiro.

*

As filmagens de «O Pai Tirano» começam, imperterìvelmente, no próximo dia 30 de Junho.

O programa da Prod. A. L. R. cumpre-se com matemático rigor, assegurado pelos técnicos que nela trabalham *permanentemente* — única forma de assegurar, como sempre dissemos, continuïdade e rendimento à produção cinematográfica.

Com António Lopes Ribeiro, director da produção, trabalham já: José Celestino Soares, Augusto Soares, Carlos Ribeiro, Júlio Vicente Ribeiro, Vieira de Sousa, Roberto Araújo, Silvino Vieira e João Sotero Vieira. Logo que terminem os trabalhos que actualmente têm entre mãos, juntar-se-ão à equipa técnica César de Sá, Fernando Garcia, António Vilar, Perdigão Queiroga e Constantino Esteves, que também trabalharão em regime de permanência na nova organização produtora.

NOTÍCIAS DE «LOBOS DA SERRA»

Filme de JORGE BRUM DO CANTO

«Animatógrafo» já informou que a acção de «Lobos da Serra» decorre entre contrabandistas e que está localizada no norte do país, na Serra da Peneda, mesmo junto à fronteira, e em Arcos-de-Val-de-Vez.

Pela primeira vez se abordou um dos mais palpitantes e emocionantes aspectos do folclóre português.

* * *

Embora pareça muito estranho, deve-se porém frisar que é a primeira vez que se tomou como fundo da acção a província do Minho, para um filme sonoro.

De facto assim é...

* * *

No Minho, para onde parte na próxima quarta-feira, a equipa tem de filmar um dos momentos capitais do filme: uma casa arrastada pela cheia.

* * *

É a segunda vez que a equipa de «Lobos da Serra» se desloca ao Norte de Portugal para filmar exteriores.

Na primeira vez, o mau tempo impediu que se fizessem todos os planos marcados.

Agora, com o tempo admirável que tem estado, é quási certo que regressarão com tudo pronto.

* * *

Apesar de terem surgido êstes contratempos é possível que o novo filme dirigido por Jorge Brum do Canto se estreie em Lisboa ainda êste ano.

* * *

Hoje terminaram as filmagens de exteriores em Lisboa.

Durante êstes últimos dias a equipa de «Lobos da Serra» constituida pelo realizador Jorge Brum do Canto, o seu assistente Fernando Garcia, o operador César de Sá e os assistentes Perdigão Queiroga, Constantino Esteves e Castro e o caracterisador António Vilar, filmaram nos terrenos e anexos da Tóbis Portuguesa os últimos planos que estavam previstos.

Assim, no Pátio da Quinta das Conchas, Silva Araújo, Manuel Santos Carvalho, Carlos Otero, José Malveira e outros interpretaram sob a direcção de Jorge Brum do Canto algumas das mais importantes cenas de «Lobos da Serra».

* * *

Há dias, ao percorrermos o estúdio, encontrámos um pedaço do Minho reconstituído a dois passos dumas ruas da Póvoa. (Que confusão corográfica! — dirá, simplesmente, o leitor.)

Nada de confusões: isto, no cinema, é assim mesmo. E para prova, cruzámo-nos com um guarda-fiscal da Peneda (Manuel Santos Carvalho) que se acotovelava com dois pescadores da Póvoa (protagonistas de «Ala, arriba!»).

* * *

Manuel Santos Carvalho que apareceu, pela primeira vez no Cinema no filme «A Canção de Lisboa», tem em «Lobos da Serra» a sua melhor interpretação cinematográfica. As suas cenas dramáticas são particularmente notáveis.

A arte de ver um filme (III

(Cont. do número anterior)

O que é a planificação // Diálogos // A tradução dos diálogos // A legendagem nos laboratórios // Realização (direcção técnica e encenação)

Casos há em que a direcção técnica e artística pode estar deslocada do género que se adapta. Por outras palavras: assim como Shakespeare queria para a pior ideia a pior palavra, o estilo do encenador deve variar consoante se trata dum drama ou duma comédia ligeira.

Mas notemos ainda poder haver uma boa história e um excelente argumento e uma e outro não resultarem. Procuremos as causas. O argumento pode ressentir-se do tratamento (desenvolvimento, seqüências, diálogo, planificação) e êste ressentir-se da encenação, do ritmo, da interpretação — e da montagem. Vimos, não há muito, uma comédia interpretada por um galã francês hoje na América e que, apesar de recheada de excelentes situações e divertidos «gags» não atingia em absoluto o objectivo. Os diálogos e a direcção tinham contribuído para êste resultado.

Portanto, o espectador não perderá nada em saber a quem cabem as responsabilidades e em descobrir o verdadeiro culpado do malôgro dum filme.

E, antes de passarmos adiante, aconselhamos-lhe a que leia e retenha, se puder, o nome do actor da história transposta para o Cinema. Vem nas legendas. É que Hollywood — e Hollywood representa, neste passo, todo o mundo cinematográfico — tem ao seu serviço os melhores argumentistas e os maiores escritores de fama internacional. E mais ainda: os melhores romances, as melhores comédias, as melhores novelas apenas conhecidos dalguns portugueses estudiosos e amantes de ler, têm sido e continuam a ser transpostos para a tela. Sabendo ver as imagens, o sector do público que não pode familiarizar-se com as obras-primas da literatura mundial nem com as obras de segunda e de terceira escôlha que, mesmo assim, valem dentro da sua categoria, terá a sensação de ler êsses volumes que correm mundo e contam centenas de edições.

Mas, cautela, não diga depois, com ar superior e entendido:

— Que maçada! O Cinema já não oferece novidades: repete-se constantemente!

E não diga isto porque a frase não calunia a Arte das imagens, mas sim a Literatura, a quem o Cinema, ao rasgar o débil véu dos descritivos e das palavras inúteis reduz, na maioria dos casos, à condição dum «pêlo de arame» tornado nojento e horrível por uma higiénica tosquia.

Todo um bom livro dá um bom filme.

Tôda a obra que visa o objectivo «acção!» tem condições de espectáculo.

Shakespeare escrevia para teatro, mas as suas peças podem ser adaptadas à tela quási sem alterações (caso de «Sonho duma noite de verão» e de «Romeu e Julieta»).

Atente o espectador no autor das histórias e familiarizar-se-á com os maiores escritores do mundo.

Assim, encontrará Aldous Huxley, em «Orgulho e Preconceito»; Bernard Shaw, em «Pigmaleão» e «Major Bárbara»; Pirandello, em «Como tu me quiseres»; Christopher Morley, em «Kitty, a rapariga da gola branca»; Ferenc Molnar, em «Liliom»; Emily Brontë, no «Monte dos Vendavais»; Selma Lagerloff, em «Carroça Fantasma» e «Lenda de Gösta Berling»; Charles Steimbeck, em «Mãos e a Morte» e «Grapes of Wrath»; Margaret Mitchell, em «E tudo o vento levou»; Pearl Buck, em «Terra Bendita»; Daphne du Maurier, em «Rebecca» e isto sem falar em Victor Hugo, Zola, Dostoiewsky, Tolstoï, Stendhal e outros.

3

Embora — já o dissemos — o espectador não tenha pretenções a crítico, não lhe será inútil conhecer certos pormenores relativos ao Cinema e isto porque também se estuda tabuada sem que haja a pretenção de um dia viver entre contabilidades.

No teatro, sabe qualquer leigo, existe a *peça;* na ópera, na opereta, há o *librêto;* na música, o guia técnico tem o nome de *partitura;* no Cinema, o documento que constitui o esqueleto, a armação do filme, chama-se *planificação* ou, se preferirem, *guião,* por sugestão do espanhol.

A planificação — expliquemo-lo em frase simples, para ser acessível — é o livro técnico em que se conta a história (tal e qual a veremos na tela) cena por cena, plano por plano (donde veio o nome), com os diálogos incluídos e tôdas as anotações essenciais para a direcção técnica, desde o trabalho das câmaras de filmar às de gravação de som.

Da planificação depende, em grande parte, a sorte dum filme. Uma boa planificação pode salvar uma história relativamente fraca. René Clair dizia que, depois de prontos o argumento e a planificação, o filme pode ser feito por qualquer. Não é tanto assim, entenda-se, mas René Clair demonstrou perfeitamente o valor daqueles elementos.

No argumento, está a seqüência da anedota e estão os «gags»; na planificação, as ligações e o diálogo que os actores vão dizer e os espectadores ouvir.

Não se pode exigir a ninguém o dom de falar ou conhecer muitas línguas, mas porisso mesmo não deve o espectador pautar o valor exacto dum filme pelo que sabe e aprendeu. Assim, se não conhece o inglês — ou o americano — pelo menos sofrívelmente, não julgue os diálogos pela tradução.

A tradução de filmes tem a sua técnica especial — bastante especial — e não é por ignorância ou negligência do tradutor que, quási sempre, a legenda sôbre-impressa que se lê não condiz absolutamente com a frase ouvida. Não, decerto, mas diremos aqui, em resumo, pois não nos podemos deter em explicações que levariam muito longe, estar o tradutor subordinado a uma lei rigorosa e inviolável — o espaço — que o obriga a condensar em um metro o que, normalmente, exigiria três ou quatro. É impossível solucionar êste caso: em todo o mundo, os tradutores de filmes têm de adaptar, reproduzindo mais a ideia do que a frase em tôda a sua sintaxe, espírito e beleza.

E não culpe o espectador o projeccionista se acaso a legenda sôbre-impressa tremer, cintilar ou mostrar-se com intermitências, pois a culpa, nesse caso, é apenas do laboratório que a imprimiu.

Diremos mais adiante — por ser importante — quando, na verdade, o projeccionista é inhábil ou negligente e o que há a censurar-lhe e a corrigir-lhe.

4

Em Portugal, chama-se *realização* ao trabalho de dirigir um filme. O termo sôa-nos falso porque nem só um director de filmes realiza. Tanto assim é que, alguns encenadores (directores de cena ou de bailados dos nossos tablados) decidiram chamar-se «realizadores». De qualquer modo, a palavra parece-nos imprópria. O que não impediu que o teatro se apoderasse também do vocábulo, para se dar ares, e a gente de Cinema — que não quisera mexer-lhe na palavra *encenador* — consentiu...

(Continua no próximo número)

MOTA DA COSTA

NOTA — No número anterior, onde se lê (2.ª coluna): «Marcel Pagnol, o criador da «cinematografia» deve ler-se «o criador da palavra «cinematurgia». — M.

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

Estão aqui oito «tests». A cada um dêles vão apensas várias soluções: uma só, porém, está certa. Pelo tempo que ao leitor fôr necessário para a encontrar, pode julgar das suas qualidades de memória e da extensão dos seus conhecimentos.

Damos a seguir a tabela de pontos que «Animatógrafo» estabeleceu para os decifradores.

200 — cinéfilo distintíssimo.
150 — cinéfilo distinto.
125 — cinéfilo razoável.
100 — cinéfilo sem mais nada.
75 — cinéfilo nas horas vagas.
50 — cinéfilo... mas talvez não.
25 — cinéfilo manhoso.
0 — não é, com certeza, cinéfilo, nem leitor do «ANIMATÓGRAFO».

E pôsto isto, vejam se sabem responder:

1 — Em que filme é que Jeannette Macdonald cantou «Les filles de Cadiz», que Deanna Durbin cantou, por sua vez, na *Idade das Ilusões?*

— «Primavera»?
— «A Viuva Alegre»?
— «A Espia Bailarina»?
— «Serenata Fantástica»?
— «Rose Marie»?

2 — Heddy Lamarr e Joan Bennett foram casadas com o mesmo produtor de filmes. Qual dêstes foi:

— Humt Stromberg?
— Gene Markey?
— Arthur Hornblow?
— Pandro S. Berman?
— Henri Manckiewicz?

3 — Como se chamava o único filme colorido que Douglas Fairbanks interpretou?

— «O Gaúcho»?
— «O Sinal do Zôrro»?
— «Os três mosqueteiros»?
— «O Pirata Negro»?
— «O Ladrão de Bagdad»?

4 — Lana Turner foi casada com um maestro célebre, que figura na lista abaixo: Qual dêles?

— Artie Shaw?
— Paul Whiteman?
— Due Kellington?
— Herbert Sothart?
— Stokowsky?

5 — Lubitsch fuma charuto; Duvivier, cigarro; e Erich Pommer, o célebre produtor de «Liliom»? Fuma:

— Charuto?
— Cigarro amarelo?
— Cachimbo?
— Cigarrilha de mentol?
— Tabaco de onça?
— Ou não fuma?

6 — Qual dêstes senhores foi o primeiro marido de Ginger Rogers:

— Lew Ayres?
— Jack Culpepper?

7 — Em que filme de Fritz Lang, aparece a personagem «Rotwang»?

— «Mulher na Lua»?
— «Regresso de Frank James»?
— «Fúria»?
— «Metropolis»?
— «Só vivemos uma vez»?

8 — Qual é o estado civil de Mischa Auer?

— Solteiro?
— Casado?
— Viuvo?
— Divorciado?

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

WALT DISNEY produzirá três filmes de grande metragem para a R.K.O., um dos quais será a biografia de Andersen

Os acontecimentos passados no ócio da organização Walt Disney, de que as agências telegráficas trouxeram já ao conhecimento do público, causaram em Hollywood, apesar de há semanas se virem arrastando os desentendimentos entre Walt Disney e um dos organismos que agrupa grande número de desenhadores que trabalham nos «ateliers» de filmes de desenhos animados, a maior estranheza, e até a mais completa desaprovação dos meios com responsabilidades e influência, tendo sido empregados todos os esforços para evitar que essas discordâncias sofressem complicações que poderiam levar, como levaram o pessoal dos estúdios de Walt Disney à greve.

Esta greve da gente de Disney é das mais disparatadas e à primeira vista das mais incompreensíveis, porquanto o espírito de camaradagem que há muitos anos reinava entre a equipa criadora de tantas maravilhas, era indicado como exemplo do que podia um agrupamento unido em volta do chefe por laços de autêntica amizade e por um grande espírito de compreensão pouco vulgar. Além de que, também, sob o ponto de vista material a «crew» dos filmes de Disney gozava de verdadeiro tratamento de excepção, pois além de ser o pessoal mais bem pago de tôdas as emprêsas da especialidade era ainda interessado no êxito comercial da emprêsa por que trabalhava, pois desde há alguns anos Walt Disney contemplava o seus colaboradores, proporcionalmente à sua categoria, com um têrço dos benefícios alcançados, sendo outro terço dêsse lucros empregado em melhoramentos de tôda a espécie dos seus estúdios, reservando, apenas, a restante têrça parte para si!

Por aqui se vê a admiração, o desapontamento mesmo causado pelo que se passou, e de que são directamente responsáveis os dirigentes do Screen Cartoonists Guild, que se lançou em guerra aberta contra a concorrente American Society of Cartoonists, justificando a sua acção com a afirmação, que fez, de que aquele último organismo social é dominado por Walt Disney.

No entanto o mestre do desenho animado não parece excessivamente preocupado com o caso, pois acaba de anunciar agora o seu plano de trabalho, que será um dos mais volumosos desde a fundação dos seus estúdios.

Walt Disney, que terminou já «The Reluctant Dragon» e tem em vias de conclusão outro filme de grande metragem intitulado «Bambi», renovou o contrato que desde 1936 mantém com a RKO-Rádio para a distribuïção dos seus filmes. Por êle se obriga a fazer um filme de grande metragem com Mickey Mouse por «primeira figura», aparecendo nesse filme, ainda, as outras personagens habituais dos filmes de Disney; e um outro desenho da mesma categoria, «Dumbo», que decorrerá num circo ambulante do qual é vedeta o elefante que dá o título ao filme. Nele aparecerá uma nova figura — o rato Timothy, consumado artista de circo... Além dêstes os estúdios de Disney continuam a produzir os filmes curtos do Pat Donald, do cão Pluto, de Mickey, etc.

Walt Disney, aproveitando por sua vez o facto de Samuel Goldwyn fazer agora parte da RKO fará, de sociedade com o famoso produtor, «The Life and Stories of Hans Christen Andersen» uma biografia do célebre autor dinamarquês e em que, a exemplo do que sucede com «The Reluntant Dragon», aparecerão actores de carne e ôsso de mistura com desenhos animados.

Extraordinário progresso, na verdade, êste de Disney, trabalhador incansável e artista de excepção!

JACK BENNY vai interpretar «A MADRINHA DE CHARLEY»

Jack Benny, um nome pouco mais, que ignorado em Portugal, pois poucos filmes seus têm sido vistos nos ecrans nacionais — esta época o Eden apresentou-o já em «Por sua Dama» — é um mais populares, se não o mais popular actor do cinema de Hollywood, e também é, fora de dúvida, a mais prestigiosa figura da Rádio americana. Agora mesmo acaba de ser festejado com grande pompa em todos os jornais americanos o décimo aniversário do seu programa radiofónico, que a emprêsa comercial General Fords patrocina e que é o mais popular de todos os mais categorizados programas que semanalmente, vão para o ar nos Estados Unidos.

Jack Benny que pertence ao elenco da Paramount foi por esta cedido à 20th Century Fox, para quem está já a interpretar a adaptação cinematográfica da famosa comédia «A Madrinha de Charley» de que Silvestre Alegrim foi, entre nós, o seu intérprete no palco.

Ao lado do extraordinário comediante aparecem também a semppre bela Kay Francis, James Ellison, Arleen Whelase, Laird Gregar, o planturoso parceiro de Paul Muni na «Baía do Hudson», Anne Baxter, Edmund Gwenn, que há pouco vimos desempenhar notàvelmente o antipático chefe de secção do «Diabo e a Menina», Richard Haydn e Ernest Cossart, o indispensável criado dos filmes americanos.

Archie Mayo é o director de «Charley's Aunt», e o operador é Poverell Marley, que se tornou célebre com as famosas e complicadas filmagens dos «Dez Mandamentos».

Em 1925 Sidney Chaplin, o irmão mais velho de Charlot, foi já o protagonista duma outra versão, que, alguns anos depois o Tivoli exibiu entre nós.

FRANCHOT TONE e KAY FRANCIS vedetas do novo filme de FRANK LLOYD

A exemplo de outros grandes nomes de realizadores, que com fortuna diversa, têm organizado emprêsas produtoras próprias, como foi o caso de Cecil B. De Mille, de John Ford, de Ernst Lubitsch, de King Vidor e recentemente de Frank Capra, Frank Lloyd, o animador excepcional de «Cavalgada» e de «Revolta da Bounty», fundou há pouco uma casa produtora, a Frank Lloyd Produtions, de cujos filmes a Universal é distribuïdora. A primeira obra da nova emprêsa de Frank Lloyd, «The Lady from Cheyenne», de que Loretta Young é a protagonista, foi recentemente estreada na América com assinalável êxito. O segundo filme, já em realização nos estúdios de Universal City, é extraído dum argumento de Gilbert Gabriel e tem por título «I, James Lewis», e nêle tomam parte Franchot Tone, de novo em grande evidência, o espantoso Walter Brennan, duas vezes premiado da Academia Americana, John Carroll, o galã dos «Marx no Far West», Carol Bruce, seu pai, o conhecido Nigel Bruce e Leo J. Carroll. Milton Krasner é o operador dêste novo filme daquele grande realizador.

O novo filme de SPENCER TRACY para a M.G.M. é em technicolor e intitula-se «THE YEARLING»

Spencer Tracy, porventura a figura mais proeminente do cinema americano contemporâneo, que há poucos dias nos deu no major Rogers de «Passagem do Noroeste» mais uma notável figura para a sua galeria de grandes interpretações, tem sido, dos artistas de grande categoria do «lot» da Metro, um dos mais utilizados.

De facto, depois de «Boom Town» e «Edison the Man», em que êle vive a figura de Thomas Alva Edison, que Mickey Rooney creara no filme exibido já esta época; depois de «Men of Boy's Torwn», continuação do celebrado «Homens de Amanhã» e do tão falado e discutido «Dr. Jekill and Mr. Hyde», que há pouco mais de quatro semanas ficou concluído, o intérprete do «Poder e Glória» está de novo a trabalhar nos estúdios da Metro num novo filme. Intitula-se êle «The Yearling» e, facto curioso, a seu lado só aparecerão artistas cujos nomes são absolutamente desconhecidos do nosso público. De facto, àparte o veterano Tully Marshall que há bastante tempo não víamos no elenco dum filme, e Chill Wills, todos os outros actores aparecem pela primeira vez sob a luz dum estúdio. São êles Gene Eckman, Ann Revere e Adeline de Walt Reynolds. Filmado em Technicolor pelo operador Hal Rosson, aquela película é dirigida por Victor Flemming, o homem que figura como realizador de «Gone with the wind», e produzida por Sidney Franklin.

«FLASHES»

● *ACABA de ser alcançado um grande record de venda de discos: venderam-se já cêrca de cinqüenta mil com a canção «Dolores», escrita por Frank Loesser para o recente filme da Paramount «Las Vegas Nights» e cantada por Bing Crosby.*

● *O FILM de René Clair «Break the News» que o Eden exibiu já, interpretado por Chevalier e Buchanan, foi agora apresentado nos Estados Unidos, alcançando apenas um êxito de simpatia.*

● *WERNER Hyman, que foi o autor da música de numerosos filmes da U. F. A., desde o famoso «Caminho do Paraíso», está agora na América, contratado da RKO.*

É êle o autor da partitura do filme «My Life With Caroline», que Ronald Colman interpreta.

● *GLORIA Swanson, um dos mais famosos nomes do cinema, voltou aos estúdios para interpretar, ao lado de Adolphe Menjou, a protagonista de «Father Takes a Wife» da RKO-Rádio.*

● *ROY del Ruth, depois de ter trabalhado durante dois anos como realizador independente, assinou agora com a M. G. M. um contrato de longa duração. O seu primeiro trabalho será «O Soldado de Chocolate» a opereta que Oscar Strauss tirou duma peça de George Bernard Shaw. Nelson Eddy e a cantora Rosi Stevens são os protagonistas.*

O que é a produção da UFA em 1941

A Ufa, a maior emprêsa cinematográfica da Alemanha, entrou na temporada de 1940-41 com um programa de produção dos mais interessantes. Em Babelsberg, perto de Berlim, como nos outros estúdios da importante emprêsa, reüniram-se uma vez mais, os afamados realizadores e as mais conhecidas estrêlas da tela germânica, os mais notáveis técnicos da cinematografia e os mais experimentados argumentistas, para realizarem em comum um dos mais variados programas de filmes.

A Ufa decidiu produzir 34 filmes, cujos enrêdos são decalcados de tôdas as esferas da vida humana. A par das descrições cinematográficas da vida do homem moderno encontram-se no programa vários argumentos que têm por fundo a magnificência da Natureza e outros que nos revelam em palpitantes imagens os episódios e os costumes de grandes personagens da história, que nos levam ao mundo da hilaridade em boas comédias, que nos fazem sentir o fluido do amor e das aventuras, que nos mostram factos ocorridos à margem da lei e do direito.

Desde *Hans Albers* a *Paula Wessely* é extensíssima a lista dos intérpretes que a Ufa contratou e que deram vida e valor aos filmes do seu programa. Zarah Leander, por exemplo, trabalhou em dois filmes de grande envergadura. Marika Rökk pertence ao número das artistas que nos enchem de contentamento, do mesmo modo que Paula Wessely, Luise Ullrich, Heli Finkenzeller, Camila Horn, Karin Hardt, Hansi Knoteck, Anny Ondra, Carsta Löck, Hilde Weissner, Maria Andergast, Jutta Freybe, Cisela Uhlen, Ida Wüst, Hedwig Bleibtrou, Maria Bard, Ilse Werner, Maria Landrock, Hilde Schneider, Edith Oss e Charlotte Schellhorn. A lista dos «astros» contratados pela Ufa não é menos numerosa. Basta citar Heinrich George, Willy Birgel, Willy Fritsch, Hans Albers, Carl Kuhlmarm, Attila Hörbiger, Gustav Knuth, Josef Sieber, Paul Richter, Paul Dahlke, Ferdinand Marian, Carl Raddatz, Hannes Stelzer; e a estes acrescentaremos ainda os mais conhecidos dos representantes da arte do riso, como sejam Heinz Rühmann, Paul Kemp, Wilfried Seyferth, Fritz Kampers. Há também alguns talentos juvenis, tais como Herbert Volk, Heinz Engelmann, Volker von Collande, Albert Janschek, Fritz Genschow e Walter Bieck. O público conhece pelo derna começa por uma produmenos a maior parte dêstes consagrados nomes da cinematografia alemã.

A lista dos filmes da vida moção de Karl Ritter que é um estudo dos episóddios de vários homens que vestiram o uniforme de soldado ou que operam na vida civil em prol da sua pátria. Éste filme intitula-se *«Über alles in der Welt»* (Sôbre tudo neste mundo) e é interpretado por Paul Hartmann, Hannes Stelzer, Carl Raddatz, Fritz Kampers, Bertha Drews, Maria Bard e Carsta Löck. Outro filme, *«U-Boote westwärts»* (Submarinos rumo oeste) conta num enrêdo altamente dramático os feitos dos marinheiros alemães nos submarinos da mesma nacionalidade. Günther Rittau é o realizador desta produção interpretada por Herbert Wilk, Heinz Engelmann, Josef Sieber, Ilse Werner. *«Narvik»* é o título de um filme escrito pelo conhecido e jovem dramaturgo alemão dr. Felix Lützendorf segundo os acontecimentos reais e no qual o público viverá os combates heróicos de um punhado de soldados alemães contra um inimigo numèricamente superior e que por fim, graças ao espírito combativo dos defensores abandona as posições que ocupava, deixando a vitória aos heróis que lutaram briosamente apesar das dificuldades locais e climatéricas. No filme *«Das Wunschkonzert»* (Concêrto a pedido) vivemos nos episódios de uma personagem as fortes energias espirituais que unem a pátria aos soldados em combate. Sob a direcção do talentoso e conhecido realizador Eduard von Borsody aparecem nos papéis principais Carl Raddatz, Joachim Brennecke, Ilse Werner, Ida Wüst e o locutor Heinz Goedecke, muito conhecido na Alemanha como organizador dos «concertos a pedido» transmitidos pela emissora nacional germânica. Willy Birgel, dirigido por Arthur Maria Rabenalt personifica no grande filme *«...reitet für Deutschland»* (Cavalguem pela Alemanha), o destino do capitão de cavalaria Barão von Langen, um oficial que apesar dos ferimentos recebidos nos derradeiros dias da Grande Guerra, chegou a ser um dos melhores cavaleiros dos torneios hípicos do mundo, defendendo vitoriosamente as côres da sua pátria. *«13 Jungen»* é um filme que acompanha a vida de meia dúzia de bravos rapazes que lutam por uma nova época e pelos seus ideais, um filme que revela o embate de antagonismos numa pequena povoação esquecida do mundo; R. A. Stemmle é o realizador desta interessante produção. Erich Waschneck, por sua vez, realizará o filme *«Die goldene Stadt»* (A cidade áurea) no qual a cidade de Praga nos aparece como o belo sonho de uma jovem camponesa que, para ver realizada a miragem da sua vida, chega a perder a seu «eu». Um segundo filme de Karl Ritter versa novamente um tema no mesmo estilo dos anteriores filmes do referido realizador.

* * *

As relações do Homem com a terra e a Natureza constituem o tema fundamental de quatro filmes. O repatriamento dos alemães da Volinia dá o enrêdo do filme *«Heimkehr»* (Regresso à Pátria), da emprêsa Wien-Film, distribuïção Ufa; Paula Wessely dá uma vez mais o melhor da sua arte na interpretação da dramática vida de uma mulher. A produção Ostermayr apresentará dois assuntos sérios. Em *«Violanta»* observaremos a vida de uma jovem camponesa que ao lado de um homem que não ama, cumpre apesar disso os seus deveres de segunda mãe, continuando mesmo fiel à sua missão no momento em que se sente tentada por um verdadeiro e grande amor. *«Der laufende Berg»* (A montanha errante) é a composição cinematográfica de um conhecido romance de Ganghofer e será interpretado por Paul Richter, Hansi Knoteck e Maria Andergast. De uma forte vitalidade campestre é a produção que tem o título de *«Hochzeitsnacht»* (Noite de núpcias), que será realizado por Carl Boese com Heli Finkenzeller, Albert Janschek e Geraldine Katt nos papéis principais.

* * *

Alguns dos novos filmes da Ufa documentam a vida de vários personagens ilustres da história, a começar pela trágica biografia do genial inventor *«Rudolf Diesel»* que é interpretado por Ferdinand Marian. *«Katharina I. von Russland»* (Catarina I, da Rússia) descreve a vida de uma das mais interessantes mulheres do passado; Zarah Leander, dirigida pelo professor Carl Froelich, revelar-nos-á a carreira fantástica da mulher que de simples camponesa lituana subiu ao trono da Rússia para se tornar na mulher mais poderosa do seu tempo. Outro grande filme da Ufa é dedicado a *«Gutenberg»*, uma das personagens que mais revolucionaram a humanidade e que com o seu invento da arte tipográfica abriu o caminho à ciência e à sabedoria.

A par dêstes grandes temas históricos teremos algumas comédias. Assim, Heinz Rümann e Anny Ondra farão rir o público no filme *«Der Gasmann»* (O cobrador do gás); o êxito é garantido de ante-mão pelo nome do seu realizador, que é o professor Carl Froelich. Paul Kemp encontrou na comédia *«Verkannte Bekannte»* (Conhecidos desconhecidos) um papel que lhe serve à maravilha de poeta mal compreendido pelos seus semelhantes; é um enrêdo de «vida de pequena cidade» que alguns outros nomes ajudam a valorizar, tais como Wilfried Seyferth, Hilde Schneider, Edith Oss, Georg Alexander e Hilde Hildebrand; direcção de Josef von Baky. O filme *«Frauenraub»* (Rapto de Mulher), a realizar por Johannes Meyer, mostra-nos uma linda mulher indomável que regressa ao lar domesticada, com Karin Hardt, e Volker von Collande. *«Links der Isar'rechts der Spree»* (À esquerda do Isar, à direita do Spree) é a hilariante história de um muniquense que não tolera os berlinenses. Paul Ostermayr soube misturar neste filme as belezas dos Alpes da Baviera com fascinantes imagens de Berlim; o enrêdo é interpretado por Fritz Kampers, Charlotte Schelhorn, Fritz Genschow e Oskar Sabo. A Wien-Film também contribui para esta parte do programa da Ufa com uma comédia intitulada *«Geld, Geld, Geld»* (Dinheiro, Dinheiro, Dinheiro). Heinrich George faz neste filme o papel de empregado de uma duvidosa casa bancária e o qual ascende de um dia para o outro a chefe do estabelecimento.

Lar bendito

(Conclusão da pág. 7)

samento da filha com o sedutor o único meio de reparar o mal, a salvação da honra da família.

Madalena, porém, já não é a rapariga que desconhece a vida, e não cede.

A sua recusa é terminante. Parece-lhe pior casar agora com Keller do que se ter deixado arrastar então.

E quando seu pai lhe faz compreender que tal decisão comprometerá irremediàvelmente o casamento da irmã, Madalena resolve fugir dali para muito longe, para sempre; não mais voltar à cidade aonde o lar é apenas uma miragem impossível.

É nesse desespêro que Gotz a encontra; carinhosamente pretende dissuadi-la, embora pense que a situação só poderá vir a agravar-se.

E, surpreso, procura adivinhar a razão do seu egoísmo que o leva a querer prendê-la à terra onde êle se encontra...

Entretanto a dissipação de Keller toca a seu termo. Surgem os primeiros rumores na cidade.

Os negócios tomam feição adversa e o crédito da sua casa torna-se periclitante.

Os primeiros amigos começam a abandoná-lo. Já não tem aquele andar arrogante que o faziam temido e, à sucapa, odiado.

E, um dia, o noivo de Maria traz a notícia do suicídio de Keller.

* * *

Sob as abóbodas da velha igreja de Ilmigen reboam as estrofes musicais da *Paixão de S. Mateus*.

Madalena oferece a Deus, em acção de graças, a pureza da sua voz, interpretando Bach.

E ao cantar a paixão e a redenção do Senhor, a sua alma ora mergulha em trevas profundas e dolorosas, ora se eleva numa aleluia de libertação e de esperança.

Perdido na multidão dos fiéis, Gotz ouve enlevado o cântico celestial.

Haverá mais um lar na velha cidade alemã.

A FEIRA DAS FITAS

«A Alemanha em Guerra»

Em matéria de documentários os alemães foram sempre imbatíveis, foram sempre «campeões do mundo». Êste agora apresentado, embora pertença ao número dos de propaganda, oferece largos motivos de interêsse, sob o ponto de vista estritamente cinematográfico. Todos os seus aspectos — que são bastante diferentes — são primorosos. Há principalmente que considerar o aspecto documentário puro e o aspecto reportagem. Em ambos se nota a mesma alta qualidade fotográfica, a mesma excelência de enquadramentos, a mesma perfeição de montagem. Se alguém tinha dúvidas a tal respeito, pode verificar neste filme que não foi por acaso que os técnicos germânicos realizaram êsse maravilhoso documentário das Olimpíadas de 1936 que entusiasmou os aficcionados do desporto, os devotos do Cinema e o público que não pertencia nem aos primeiros nem aos segundos.

As virtudes apontadas tornam-se especialmente flagrantes na reportagem da colossal parada que teve lugar em Berlim no dia 20 de Abril de 1939 — dia em que o Chanceler Hitler fez 50 anos. Foi verdadeiramente magistral a forma como fotografaram e compuseram cinematogràficamente êsse espectáculo grandioso. — D. M.

«O Veneno dos Trópicos»

(La Habanera)

Pertence êste filme àquele género, tão do agrado do cinema alemão de todos os tempos, baseado no pitoresco de paisagens e costumes dos países exóticos. Desta vez foi a ilha antilhana de Pôrto Rico a escolhida para emoldurar a história, cujas principais peripécias são aliás determinadas pelas condições físicas e sociais da vida local, como é de bom critério. Vários aspectos dos costumes indígenas, fortemente impregnados de influência espanhola, tiveram bom rendimento, em apuramento total do filme como por exemplo a corrida de toiros.

A acção fornece vários pretextos para se fazerem ouvir algumas canções, umas inspiradas no folclore local, como «La Habanera» (linda melodia que Zarah Leander canta magnìficamente no seu estilo peculiar), e outras influenciadas pelo folclore escandinavo (a protagonista é sueca, na ficção como na realidade).

A realização do filme oferece algumas deficiências, especialmente no tocante ao estilo narrativo (defeito da planificação) e ao *tempo* adoptado. Essas deficiências não são decerto habituais nos filmes alemães. E o moderno cinema germânico já as ultrapassou, certamente, por completo.

Merecem registo algumas boas decorações e a qualidade da fotografia. Algumas iluminações de interiores são excelentes.

Na protagonista, Zarah Leander tem várias oportunidades de mostrar o que vale como artista de múltiplos recursos, e como mulher insinuante que é. Karl Martell interpreta o seu papel com bastante correcção, mas Ferdinand Marian exagera por vezes a composição da sua figura, aliás um tanto convencional. — D. M.

ANIMATÓGRAFO não se julga na obrigação de criticar todos os filmes que se exibem entre nós.

A omissão de alguns não representa necessàriamente uma atitude crítica determinada.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«A VIDA É UMA AVENTURA» (Paramount)
— **A presença de** MADELEINE CARROLL.
— **O vigor da personalidade de** DOUGLAS FAIRBANKS JÚNIOR.
— **O poder convincente da realização de** EDWARD H. GRISSITH.

«CAUTELA COM AS MULHERES» (Paramount)
— **A frescura da realização de** ANTHONY ASQUITH.
— **As interpretações de** ELLEN DREW **e** RAY MILLAND.

«HEROIS DA NEVE» (Filmes Alcântara)
— **As cenas violentas da guerra e os momentos emocionantes durante alguns jogos olímpicos.**

«MENINAS DA ALTA RODA» (M. G. M.)
— **O carácter documentário e a intenção crítica do argumento, da autoria de** JANE HALL.
— **O conjunto interpretativo e em especial** LANA TURNER, LEW AYRES **e** MARSHA HUNT.
— **A cena do conflito no salão de dança.**

«PROIBIDOS DE AMAR» (Aliança Filmes)
— **O desempenho de** JEAN PARKER, **emotivo e sinceramente humano.**

«QUEM TORTO NASCE» (Filmes Alcântara)
— **A figura de Whipsnade, criada por** W. C. FIELDS.
— **Alguns interessantes números de circo.**

«TUDO ACONTECE À NOITE» (Fox Filmes)
— **O bailado sôbre o gêlo, interpretado por** SONIA HENIE.
— **As interpretações de** ROBERT CUMMINGS **e** RAY MILLAND.

«O Boato é um crime»

(Whispering Enemies)

Não tem êste filme outras pretensões do que interessar durante algum tempo a plateia com um assunto de emoção. A realização acusa a conhecida segurança dos directores norte-americanos ainda que sem fugir à craveira normal. Foca as manobras ocultas de uma organização destinada a propagar o boato em prejuízo de determinadas entidades. No protagonista Jack Holt faz mais um daqueles papéis a que estamos habituados a vê-lo tantas vezes. — A. F.

«Proibidos de Amar»

(Parents on Trial)

Eis um filme bastante curioso, cuja narrativa interessa vivamente pelo aspecto humano que a reveste. É filme que deve ser visto e pensado. É admirável crítica a certos preconceitos que levam os pais a contrariar tantas vezes a evolução dos sentimentos, a tendência legítima para o casamento dos filhos, com prejuízo evidente do seu futuro.

Jean Parker tem neste filme um dos seus melhores trabalhos. É uma artista que anda afastada das nossas telas — mas que tem muitos admiradores entre o nosso público. — A. F.

«A Sonata do Louco»

(A Bill of Divorcement)

A história original, embora complicada, carregada, triste e inverosímil. Interessa, porém. A interpretar a história um grupo de bons actores: Adolphe Menjou, Aubrey Smith, Herbert Marshall, Fay Bainters e Maureen O'Hara, dirigidos por John Farrow, que utilizando os bons serviços dêste «cast» realizou obra de mérito conduzida com sobriedade e sobretudo bem acabada. Digo bem acabada porque o final com aquela insistência do louco para que a filha toque a sonata, a raivosa alegria da rapariga, que cresce à medida que se deixa contaminar pelo entusiasmo do pai — é um dos maiores momentos das fitas de tôda esta época.

John Farrow distingue-se, ainda, pela atmosfera de anormalidade que deu àquela casa onde tôdas as pessoas têm um tique inquietante. Adolphe Menjou é dentre os intérpretes aquele que mais merece ser citado com distinção pelo cuidado da sua composição. Maureen O'Hara duma beleza perturbante contracena correctamente com Menjou, com Fay Bainter e Marshall — o que constitui a melhor prova das suas possibilidades. — F. G.

«Ressuscitados»

(The man of nine lives)

Estas novelas, cheias de sombra e de mistério, têm grande partido entre o público amante

(Continua na página 18)

Títulos ilustrados



«Cautela com as mulheres»

CINEMA DE AMADORES

• INICIAÇÃO

É vulgar, a quem orienta, numa revista de cinema, uma secção de amadores, receber cartas e postais de leitores que pedem um esclarecimento, ou uma informação, no sentido de os elucidar convenientemente sôbre o caminho que devem seguir para que sejam bem sucedidos ao iniciarem-se na cinematografia de amadores. E pedem com um tal empenho, que deixam, muitas vezes a pessoa a quem se dirigem, numa situação bastante embaraçosa.

Uma resposta a semelhante pregunta não deve ser feita ao acaso e tem forçosamente que ter o ar de conselho, o que não é muito conveniente pois pode não resultar, colocando automàticamente, em cheque, o conselheiro, a quem se atribue depois tôdas as culpas pelos malógros que porventura possam acontecer.

Para que não fôssemos uma excepção à regra também nós temos recebido cartas em que se formulam preguntas nesse sentido. Evitámos, até onde nos foi possível, com delicadeza, responder concretamente a essas cartas. Deve-se compreender o motivo porque tomamos esta atitude visto que atrás deixamos esclarecido o que de ingrato e, por vezes, prejudicial têm tais respostas. Mas há dias mudámos de opinião no que diz respeito a êsse problema e, assim, determinámos que devíamos responder a todos os que se têm dirigido a nós, ou a outros, na intenção de obterem uma explicação, sôbre o que devem fazer quando começam a filmar com uma câmara de formato reduzido. Desejamos, no entanto, lembrar que não tomamos a responsabilidade de que o que vamos dizer possa ser adoptado com êxito por tôda a gente, assim como, que êste assunto é tão complexo que não pode ser tratado duma só penada e numa só página dum só número do «Animatógrafo».

O que se vai ler faz parte de um trabalho que encetámos há tempo e que destinamos a um manual a publicar, quando acharmos oportuno, sôbre cinema de amadores.

Observar-se-á durante a leitura, que nos afastamos algumas vezes do cinema de amadores para abordarmos o profissional, o que poderá parecer estranho para aqueles que sabem quanto nos temos esforçado por separar, de uma maneira absoluta, as duas cinematografias. Mas esta traição é propositada e indispensável para que se possa compreender convenientemente o que nos propusemos esclarecer.

Dadas estas explicações, iniciemos.

Da necessidade de se entender a arte cinematográfica

O Cinema é muito criança ainda, em relação às outras artes.

(Possue apenas quarenta e cinco anos).

A Pintura, a Escultura, a Música, a Literatura, o Teatro e muitas outras artes já estão hoje completamente definidas. O Cinema ainda não. E, muitas dezenas de anos hão de passar e talvez séculos, antes que se possa definir o cinema com a segurança com que presentemente se julgam as outras artes. Esta afirmação um pouco ousada, talvez, é um resultado das inúmeras transformações que temos observado no Cinema e das variadíssimas surpresas que êle nos tem dado.

Pregunte-se a um entendido em matéria cinematográfica o que é o Cinema e obter-se-á por resposta uma lição, possìvelmente proveitosa sôbre esta Arte, mas na sua fase actual. Sôbre o futuro, dirá que se vai assistir à vitória definitiva do colorido, à exibição de filmes com relêvo e muitas outras coisas que se não sabe o que será.

Preguntai a um pintor, a um músico, a um escritor, etc. sôbre cada uma das suas artes e obtereis como resposta um esclarecimento condigno sôbre o que vos possa interessar. Dir-vos-ão, que houve, e haverá várias escolas de Pintura, de Música, de Literatura, mas que a técnica será sempre a mesma. Para o pintor haverá a paleta, os pincéis e a tela, para o músico o metrónomo e as pautas, para o escritor a tinta, a caneta e o papel.

Para o Cinema, dirão os cinematografistas, será, sempre preciso a câmara de filmar, as películas, o laboratório e a máquina de projectar. Está assim definido o Cinema?

Não!

Olhe-se para uma tela do mais primitivo dos pintores, e para uma do mais recente.

Encontramos duas interpretações diferentes, possìvelmente, do mesmo assunto (mas isso é questão da evolução, ou seja, de escola), mas verificamos que a técnica, que a base é a mesma. Os tons podem ser diversos, mas a tinta é tinta, a tela é tela, o pincel foi pincel, o cavalete foi cavalete. Como no princípio, assim é hoje. No Cinema não é assim. Ontem era mudo, hoje tem som e tem côr, amanhã relêvo e depois, que mais?...

Há, portanto, a dificuldade de se saber ao certo o que é o Cinema e conseqüentemente como o poderá utilizar como Arte todo aquele que por êle se interessa.

Deixemos para as futuras gerações o trabalho de obterem a justa definição de Cinema.

(Continua)

JOÃO MENDES

Não empreste nem peça emprestado o «ANIMATÓGRAFO»

Uma sessão de filmes na sede do C. P. C. A.

Conforme já informámos, realiza-se na próxima quinta-feira, 26 de Junho, na sede do Clube Português de Cinema de Amadores, Largo do Chiado, 12-2.°, uma sessão de filmes de formato reduzido para os seus associados e família.

Nessa sessão será exibido, pela primeira vez para os amadores o mais recente cultural realizado pelo eng. Carneiro Mendes. Referimo-nos ao filme sôbre os modernos processos de embalsamamento de animais.

Êste filme que temos quási como certeza ser uma boa lição, foi feito sôbre película de 16 m/m.

Além dêste filme outros serão exibidos e entre êles alguns de 8 e 9,5 m/m. Esta sessão é a primeira que o Clube Português de Cinema de Amadores, realiza em Lisboa.

No próximo número comentaremos, mais desenvolvidamente os filmes que forem exibidos.

«OBJECTIVA»

Recebemos o 24 (3.° da II série), da revista técnica de fotografia e cinema amador «Objectiva» dirigida por Artur Rodrigues da Fonseca.

É um número especial com explêndidas gravuras e que encerra interessante e valiosa colaboração de Mestre San-Payo, João Martins, Dr. Bernardino Saraiva, M. Jesus Garcia, eng. Veiga da Cunha, Carmelino Callaza, dr. António de Menezes, nas várias secções de pleno interêsse para fotógrafos e amadores de Cinema.

UM FILME DE ENREDO DE 8 m/m

Num dos últimos números do «Animatógrafo» publicámos uma notícia sôbre o desenvolvimento que está tomando no nosso país, o formato de 8 m/m.



Filma-se uma cena do «Roubo das Pérolas»

Hoje podemos informar os nossos leitores que se está filmando no Pôrto, por uns amadores daquela cidade, um filme de enrêdo em 8 m/m.

Intitula-se «O roubo das pérolas», e possui um argumento 100 % policial e de grande movimento. É impressionado com película *Agfa* com câmara Ciné Kodak 8 de objectiva 1,9.

A equipa técnica é contituída pelos amadores Manuel João Barros, operador; Francisco Pais como argumentista e realizador, João Manuel Barros, como planificador. Êstes dois últimos são os principais intérpretes com Maria Aida Nascimento.

Para êste filme que deve estar pronto no fim do próximo mês já se filmaram muitos planos, que nos dizem terem resultado bem.

O Correio de Bel-Tenebroso

839 — SIR FANTASMA (*Évora*). — Boris Karloff nasceu em Enfield, Londres, a 23 de Novembro de 1887. — Transmito as tuas saudações a *Benjamina*, «que te parece ser boa rapariga».

840 — CONDE MISTERIOSO (*Lamego*). — Respondo àquele teu postal em que me prometes uma «ofensiva», para breve. Cá estou à espera, com uma grande serenidade digna da maior admiração.

841 — ELIANA (*Lisboa*). — Gostei muito que te resolvesses a escrever-me. Ainda bem, que não hesitaste! Ficas inscrita no número das accionistas (como tu dizes) do Correio de Bel-Tenebroso. O dividendo, claro está, são as respostas... — O realizador de *Terra Bendita* foi Sidney Franklin sob a supervisão do malogrado Irving Thalberg. — Estou proibido pelos médicos de dar indicações sôbre as personalidades que aparecem na secção Má-Língua.

842 — GAROTA DE LISBOA (*Lisboa*). — Obrigado pelos versos que me remeteste. — Cá fico à espera das notícias de *Pinnochia*. — Obrigado pela propaganda do *Animatógrafo* que tens feito entre as pessoas das tuas relações.

843 — UMA LOIRA MADEIRENSE. (*Funchal*). — A notícia da morte de James Stewart, felizmente, não se confirmou. Êle, de facto, está a fazer serviço militar, mas, muito embora tenha o «brevet» de piloto, ainda não foi encorporado na aviação. — O correio, dentro de breves dias, deve levar-te uma surpresa. — Numa das duas cartas que me escreveste e às quais estou a responder, dizes-me que tens esperado, em vão, pelas minhas respostas. Ora, deves ter visto que nos últimos números, elas têm aparecido com assiduidade. — Dizes-me que estás senhora da minha identidade. Não estarás equivocada? *A Cidade Turbulenta* é um filme admirável. Quando aí fôr, à Madeira, não deixes de o ver. O James Stewart tem um papelão. — O primeiro filme de Gloria Jean exibido em Portugal foi *Traquina Querida*. Mas, na realidade, não foi êste o seu primeiro trabalho na tela. — E, agora, até à próxima, não é verdade?

844 — ZULEIKO (*Aveiro*). — A tua «carta aberta» não pode ser publicada. Mas achei-a graciosa. Tens alma de detective, pela certa...

845 — DOUTOR MABUSE (*Lisboa*). — Sôbre o assunto «Clube do Animatógrafo» deverás dirigir-te, directamente, à Direcção da nossa revista.

846 — MAISIE. — A tua «sósia» Ann Sothern apareceu, ùltimamente, pelo menos nos seguintes filmes: *Maisie era uma senhora* e *Um marido sem emenda*, nos quais tinha papéis graciosos. — Em *Maisie, feiticeira negra*, vamos vê-la nas paragens inquietantes da selva e o título explica-se se te disser que ela domina uma perigosa rebelião dos nativos, vestindo os trapos de lhama que usa no music-hall, e exibindo, diante dêles, uma dança mesclada de números de ilusionismo, ao mesmo tempo que entoa uma dolente canção... — Quando sentir o «Adler» estacar à porta do n.º 65 da Rua do Alecrim, tremerei... Já sei que vens pela escada acima dar-me o merecido castigo...

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

847 — LOIRO STROGOFF (*Pôrto*). — Êste leitor nortenho gostaria de corresponder-se com *Donalda* e qualquer outra leitora alentejana. — Vv. aí no Pôrto, têm andado com sorte na presente temporada: viram, antes de Lisboa, alguns dos melhores filmes.

848 — MANDERFADA. — Podes escrever ao William Holden, que tanto admiras, para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia.

849 — KALLIKRATES (*Lisboa*). — Êste leitor declara que está «cansadō» do pseudónimo que usa. Gostaria de que as leitoras desta secção lhe sugerissem outro. À leitora que lhe enviar a melhor sugestão oferecerá o romance de Margarett Mitchell «...E o vento levou».

850 — GILBERTÓFILO (*Barreiro*). — Tomo nota de que deixaste de tocar saxofone razão que influenciou a alteração do teu pseudónimo. Comigo aconteceu o mesmo. Desde que deixei de tocar piano, mudei de nome... — Êste leitor tem o maior empenho em trocar correspondência com leitoras do *Animatógrafo*. À primeira que lhe escrever oferecerá uma Valsa, da sua autoria.

851 — ÚLTIMA ROSA DE VERÃO. — Respondi oportunamente à tua carta. Não respondo, pois, às tuas preguntas, visto que são as mesmas da primeira que me escreveste. — A tua carta foi entregue a *Maria da Graça*, ou melhor a Graça Maria. — Espero novas cartas tuas, que não sejam novas versões das antecedentes.

852 — UMA PORTUGUESA QUE NÃO É TROCISTA (*Lisboa*). — Estava com interêsse à espera de que aparecesse a tua carta, uma vez que ela me tinha sido anunciada por uma linda rapariga, que tu e eu conhecemos muito bem. — Num dos números transactos, publicámos a foto de Margarett Sullavan. Dêste modo, fomos de encontro ao teu pedido. — Transmiti à redacção o desejo que revelas de ver, em separata, os retratos de Douglas Fairbanks Jr. e de Paiva Raposo. — Com todo o prazer, responderei a novas cartas tuas. Mas não me trates por «Ex.mo Senhor», pois fico na dúvida, quando tal acontece, se as cartas são, na realidade, para mim.

853 — MICKEY ROONEY. — Aludes a um recado para *Princesa da Selva*, mas não me dizes qual êle é. Como posso transmiti-lo?! — Na Redacção de *Animatógrafo*, como em qualquer outro sítio, sou invisível, diáfano e transparente. À noite, só os olhos brilham na escuridão. A minha passagem sôbre a terra evoca a presença dos fogos-fátuos,, em noites cálidas, sôbre a terra quente dos cemitérios...

854 — DOIDO POR MARTHA EGGERTH — Martha Eggerth, depois duma longa temporada lírica, no Brasil, foi para Hollywood, onde está em negociações para filmar. Antes de saber qual a firma produtora que a tomará sob contrato, é impossível dar-te a morada que pedes. — Martha é polaca de gema. Ela própria me disse, quando esteve em Lisboa. Alguns filmes da tua «diva», além dos que citas: *Ouve o meu coração*, *O seu maior êxito*, *Vida de Boémia*, *A Carmen Loira*, *O Regresso do Rouxinol*, *O Castelo de Flandres*, etc.

855 — CONDE MISTERIOSO (*Lamego*). — Recebi o teu postal, escrito «algures na neve», como tu dizes... Obrigado.

856 — FANTASMA DA MÁSCARA NEGRA (*Gouveia*). — Para te inscreveres no «Clube do Animatógrafo», deverás dirigir-te, num simples postal, ao Director da nossa revista. Para a inscrição, que é gratuita, torna-se indispensável mencionar: nome, idade, profissão, morada e fazer a declaração de que freqüenta o cinema, há mais de dez anos.

857 — BOB TAYLOR (*Lisboa*). — Folgo por que *Animatógrafo* te continue a agradar «tanto no sentido físico (papel e gravuras), como no moral (artigos, fotos, etc)»... O duplo aspecto *físico* e *moral* da revista, não é mal achado... Vv. sempre têm cada uma!... — Fico ciente de que a Maureen O'Hara, te inspirou uma paixão «sistemática» e «automática». As paixões são doenças perigosas. Mas quando são *sistemáticas* e *automáticas* devem considerar-se uma verdadeira peste... — Ann Sothern e Ann Rutherford: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Êste leitor saúda *Uma loira Madeirense*, *Duas alentejanas íntimas*, *Janetgaynórfila*, *Donalda*, *Pinnocchia*, *Antinea I*, e, em especial, *Uma Moreninha Insinuante*.

858 — DINHAMÁ (*Lisboa*). — Esta tua carta vem tão simpática, que quási estive para escrever o teu pseudónimo desta maneira: *Dinhaboa*. — Conforme pedes, meti as mãos na consciência (por tal sinal custou a encontrá-la) e verifiquei que tenho procedido bem. É certo que as respostas têm tardado, mas a consciência não me acusou de haver infringido a ordem inflexível porque as cartas são recebidas e respondidas, nesta secção. — E como nada me pedes na tua carta, a não ser que te declare que não estou zangado contigo, aqui fica expressa afirmação de que aguardo sempre as tuas cartas com o maior interêsse e que responderei a elas com a melhor boa-vontade.

859 — CALOIRO CINÉFILO (*Lisboa*). — A *Selva*, de Ferreira de Castro, dará, por certo, um magnífico filme. Mas se fôr feito com os recursos do cinema americano. — Os *Emigrantes* também tem matéria de sobra para se tornar num excelente espectáculo cinematográfico. Mas o seu tema é doloroso em demasia e iria ferir, por certo, a sensibilidade do público brasileiro, que não pode, ou melhor, não deve, ser ignorado pelos nossos filmes. — Do Teatro, António Silva, Vasco Santana e Ribeirinho são os elementos que melhor têm provado no cinema. Barreto Poeira teve, na *Canção da Terra*, uma estreia prometedora .

860 — ROMEU CINÉFILO (Pôrto). — Martha Eggerth e Kiepura estão em Hollywood, mas ignora-se ainda o que farão. — Pensaremos na classificação de filmes que sugeres. No entanto, não é tão fácil, como tu julgas, por motivos que não vale a pena enumerar. — Não deixes de me escrever, sempre que queiras. As respostas aparecerão a seu tempo.

861 — CONDE DE SAILE. — A Dorothy Lamour tem vindo muitas vezes a Portugal, dentro das caixas de fôlha que trazem os seus filmes. — Se ela viesse a Lisboa, conde amigo, tinha uma lápide em tôdas as ruas onde tivesse passado... — Podes escrever a Carmen Miranda para 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Êste leitor saúda todos os consulentes desta florescente secção, como diria o meu camarada «Ignácio da Purificação».

862 — MANUEL, UM PESCADOR PORTUGUÊS (*Coimbra*). — Acho que fizeste muito bem em conservar o teu pseudónimo. É muito mais bonito do que o de *Heathcliff*. Entre os dois, há a distância que vai do personagem admirável de Tracy, nos *Lôbos do Mar*, ao torvo e vingativo protagonista de *O Monte dos Vendavais*. — Os cinéfilos novos também terão a sua hora. — Folgo por que Coimbra se mantenha «a la page», em matéria de filmes.

863 — I LOVE SHIRLEY TEMPLE (*Coimbra*). — Transmitidas as cartas que me enviaste. — Êste leitor pede-me que informe *Balalaika* de que recebeu a foto de Shirley, e que agradece, reconhecido.

864 — XANTIPO (*Lisboa*). — Alguns filmes de Ray Milland: *A princesa da Selva*, *Homens com asas*, *Paixão Selvagem*, etc.; De Robert Young, *Maisie era uma senhora...*, Honolulu, *Florian* e agora *A Passagem do Noroeste*. Rita Hayworth, na próxima época, aparecerá num filme, ao lado de Fred Astaire. — Escreve sempre que entenderes. As tuas cartas só me dão prazer.

865 — FOTOGÉNICA (*Lisboa*). — Ora viva! Faço ideia de quanto deverás ter emagreci-

A FEIRA DAS FITAS

(Cont. da pág. 15)

de espectáculos de imaginação. É o caso de «Ressuscitados», filme em que se apresenta o meio ambiente em que os sábios investigadores lutam contra a incredulidade dos que os rodeiam. Assunto com base científica, base que pode discutir-se, mas que se aceita fàcilmente, apresenta-nos as experiências de um médico para chegar à conclusão de que pode voltar-se à Vida depois de sepultado durante longo tempo num túmulo de gêlo.

É, portanto, a aplicação da geloterapia do corpo humano a base da arrojada concepção dêste filme dirigido por Nick Grinde.

A presença de Boris Karloff basta para dar melhor ideia do género do filme. É o protagonista à altura do papel do sábio que mata para salvar, lutando até provar que as suas teorias não são criminosas. A seu lado, temos Roger Prior, Jo Ann Sayers, e Stanley Brown. — F.

«A vida é uma aventura»

(Safari)

A pesar de já se encontrar quási completamente devassada, a selva, constitui ainda, um grande filão para os cinematografistas de todo o mundo. Uns procuram das as emoções das caçadas e das aventuras, outros a vida plena de sacrifícios e de abnegações dos missionários, outros ainda os mistérios da raça negra e dos seus feiticeiros e adivinhos e outros mais a existência dos sertanejos, dos colonos, dos aventureiros e muitos mais assuntos que a África, plena de mistérios, perigos, surprezas e seduções, oferece a todo o mundo.

Não tiveram os produtores de *Safari* a preocupação de fazer um filme em que a Selva fôsse o seu elemento principal como sucedeu com *Trader Horne* e outras produções. Tiveram sim o cuidado de localizar tôda a acção do filme dentro de um ambiente que sabem ser muito do agrado de certas platéias. E foram felizes porque, salvo em alguns momentos, conseguem convencer o público de que se encontra em África.

A história cujo desenvolvimento se segue com interêsse possui tudo quanto se possa julgar indispensável para que uma produção dêste género faça êxito junto do público apreciador dêstes filmes.

À frente de todos os intérpretes é justiça colocar Madeleine Carrol, a noiva perdida e achada no oceano, pela forma como consegue com um papel que não lhe oferecia grandes possibilidades, mostrar que é uma grande actriz. A seu lado Douglas Fairbanks Júnior, num papel a seu geito está como peixe na água, e Tullio Carminati no antipático Barão cumpre a rúbrica imposta.

A direcção de Edward H. Grissith dá a entender que êle possui vastos conhecimentos da arte de encenar pelos processos discretos que soube utilizar e que são, sem dúvida alguma, o principal motivo de nos fazer acreditar naquela selva... tão pouco selva .— J. M.

«Tudo acontece à noite»

(Everything happens at night)

Tem-se a impressão de que êste novo filme de Sonia Henie saíu um pouco inferior aos anteriores, impressão que pode ser injusta e apenas provocada pelo facto de ser diferente. Desta vez não se procurou fazer um filme musical, em que o seu virtuosismo de patinadora se enquadrava naturalmente. Misturaram antes — mas sem os fundirem — elementos de comédia com elementos de novela de espionagem, e introduziram no filme, mas não na sua acção, na sua intriga, uma exibição de patinagem: um arranjo do «Danubio Azul», dançado sôbre patins num cenário espalhafatoso, pelo tamanho e pelos motivos decorativos. Alguns dos aspectos dêsse número são sem dúvida cativantes, pelo partido tirado das inúmeras colunas do cenário, entre as quais desliza a graciosa Sonia, raínha do patim e princesa — receio bem que efémera — do cinema.

Ao seu lado, disputando as suas boas graças, aparecem os excelentes Robert Cummings e Ray Milland, êste último na pele de um jornalista inglês que tem uma compreensão singular da ética da sua profissão e dos processos que usa ao exercê-la, e que talvez por isso não tem o prémio tradicional dos galãs cinematográficos: dar, no fim da fita, o beijinho indispensável na vedeta.

A realização, honesta e normal — como pode e deve ser um manga-de-alpaca consciencioso —, foi dirigida por Irving Cummings. — D. M.

«Heróis da neve»

(Sky Patrol)

É curioso êste filme pelo seu aspecto de documentário das Olimpíadas de 1936. Dentro dêsse quadro e aproveitando os trechos mais sugestivos das principais manifestações desportivas da grandiosa competição olímpica, desenvolve-se uma anedota que tem interêsse e prende fàcilmente a atenção do espectador.

Enrêdo pròpriamente não há. Procura focar-se a fraternidade entre as delegações dos vários países concorrentes, fazendo-se ressaltar a Paz em que se vivia na Finlândia para pôr em contraste êsse ambiente calmo e familiar com os horrores que trouxe a invasão russa. E nesse aspecto é um elogio declarado ao espírito combativo do povo finlandês que se bate heròicamente contra um inimigo de guerra que ontem havia sido um inimigo desportivo.

Tècnicamente o filme tem passagens assinaláveis como aquelas das maravilhosas corridas de «skis» — assunto tão gasto no cinema, mas sempre recebido com agrado.

Nos principais papéis temos Philip Dorn, Edward Norris, etc. — A. F.



Um conhecido realizador e um operador também muito conhecido cortaram novamente relações durante a filmagem duma produção sôbre a vida de pescadores. Como os cortes de relações entre aqueles dois cineastas são infalíveis em todos os filmes em que ambos colaboram, propomos que, nos futuros contratos elaborados entre ambos figure a seguinte cláusula: «Artigo 16.º O realizador e o operador obrigam-se a cortar relações um com o outro a partir da 15.ª sessão de filmagem.

Assim, ao menos, dir-se-ia que era para cumprir religiosamente as condições do contrato.

——Wask Saint'Ann e Little River, os dois principais intérpretes do filme «O Pai Tirano» como são dois galãs irressistíveis, cada um no seu género, têm sido muito assediados por milhares de admiradoras. Muitas têm-se dirigido a Bel Tenebroso a preguntar para onde devem escrever aos dois felizardos a pedir retratos. Informamos as nossas leitoras apaixonadas que tôda a correspondência deve ser dirigida a «Tony Wolfson Brook Produtions», Lines of Towers Alley, 157.

HOMEM-SOMBRA

CORREIO

DE "BEL-TENEBROSO"

(cont. da página anterior)

do, raladinha com a demora das respostas... — Êsse boato que me contas, relativo ao *Feiticeiro de Oz* («que ia ser proíbido por ter piadas políticas, pouco recomendáveis») excede tudo quanto a antiga musa canta, em matéria de fantasia! Piadas políticas, o *Feiticeiro de Oz?...* — Estou certo de que gostaste 100 por cento de *Rebecca*. É um filme notabilíssimo!

866 — BOB TAYLOR *(Lisboa)*. — Transmitida oportunamente a tua carta para *Moreninha insinuante*.

867 — ANDY HARDY *(Lisboa)*. — Parece-te então, que eu deva ser um rapaz novo?! Já viste algum velho escrever sôbre Cinema, Arte que nasceu com a geração de 1900, e que só após a Grande Guerra começou a interessar vivamente o público de Portugal? — A tua sugestão de fazer debates no «Clube do Animatógrafo» tem interêsse. Estudá-la-emos.

868 — ADOLFO MENJOU *(Évora)*. — A minha opinião sôbre o teu pseudónimo?! Uma homenagem tocante ao galã da *Opinião Pública*. — Fernand Gravey é francês. — Alguns filmes dêle: *A Grande Valsa, O Rei e a Corista, Escândalos de Amor*, etc.

Bel-Tenebroso

CARTAS DUM CINÉFILO

Esforçado director:

Estou doido de contente. Pela primeira vez se me presta justiça pùblicamente. Pela primeira vez li a meu respeito coisas bonitas. Gostava de ser apresentado ao sr. João Mendes não para lhe agradecer, porque as coisas justas não se agradecem, mas para o conhecer pessoalmente, pois êle já deve ser um homenzinho.

Tenho acompanhado com interêsse as notícias que o «Animatógrafo» vai dando sôbre o «Pai Tirano». Fiquei sabendo que há cenas passadas numa sociedade de recreio com um espectáculo de amadores. Veja se me aproveita lá para a fita. Olhe que eu tenho muito geito para sócio de sociedades de recreio e também já tenho sido amador dramático. Se não me aproveita é uma injustiça tão grande que nem tudo quanto o cinema infantil, digo amador, possa fazer por mim chega para a reparar. Também me chamaram no seu jornal símbolo — se calhar foi o senhor — ora é justo que o símbolo entre numa fita sua, já não digo para fazer o protagonista, mas, enfim, para um dos principais papéis. Se me aproveitar, acredite, dá uma grande alegria ao meu pai. Êle coitadinho está muito mudado. Desde que o médico lhe disse que era diabético parece outro. Tão doce, para mim, que eu ao princípio até desconfiei. Êle, hoje, já não seria capaz de fazer de «Pai Tirano».

Chegou o calor e não está a apetecer ir ao cinematógrafo (eu cá sou clássico) mas no entanto fui um dêstes dias ao Odeon e digo-lhe que vai lá um bom filme próprio para a quadra. Passa-se, desde o princípio até o fim, na neve e é tanto o gêlo que eu quando cheguei ao segundo intervalo já estava constipado.

O senhor continua a falar na produção portuguesa e continua a dizer que estão a fabricar uma dúzia de fitas. Porque é que não conta com as que o sr. Artur Duarte vai fazer?

Sem, mais receba cumprimentos meus e beijinhos para o menino João Mendes. Seu dedicado admirador das suas grandes, notáveis e excelsas qualidades (meta-me na fita).

Inácio da Purificação

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

(Soluções)

1 — «A Espia Bailarina».
2 — Gene Markey.
3 — «O Pirata Negro».
4 — Artie Shaw.
5 — Não fuma, porque usa cigarrilha de mentol.
6 — Jack Culpepper.
7 — «Metropolis».
8 — Divorciado.



A MULHER E AS MÁSCARAS

A actriz não tem uma só máscara: tem muitas máscaras.

Da mulher se diz também que tem muitos rostos — o que traduz bem o seu poder de dissimulação, que a transforma numa actriz excepcional.

A mulher — comediante, essa multiplica os seus rostos e as suas máscaras.

Antigamente, no Teatro grego, na época remota de Aristófanes, a quem já chamaram o pai da revista, as máscaras usaram-se por necessidade: para vencer, com uma expressão vigorosa e dura, a distância enorme que separava os actores do público e para aqueles poderem falar pelos megafones escondidos nas máscaras. Mas essas máscaras, que ficaram como símbolo da arte dramática, eram em número insuficiente para representar tôdas as personagens a apresentar em cena.

Na fotografia que ilustra esta página, a actriz Mary Martin está rodeada por sete máscaras, que traduzem outros tantos estados de alma. Esta fotografia constitui um símbolo. Um símbolo da actriz e da Mulher.

Mas, ao contrário do que acontecia nos vastos anfiteatros da velha Hélada, no Cinema, as máscaras não são tão carregadas, tão vincadas. O actor de Cinema é mais subtil na sua arte de expressionar, pois nunca está afastado da plateia, antes se aproxima dela e a domina. Por isso mesmo, as suas máscaras são mais suaves, mais sóbrias, porque o espectador vê-as com facilidade, e a amplidão dada pelas objectivas obriga a certas cautelas e impõe a máxima sobriedade de representação.

Mary Martin e as suas máscaras... A dôr, a alegria, a tristeza, o tédio... Emoções diferentes. Estados de espírito que pertencem ao caleidoscópio da alma humana.

A actriz tem muitas máscaras...

A Mulher multiplica-as.

E o homem? que fez o homem nesta matéria?

Ah! êsse... inventou as máscaras — para ocultar o seu verdadeiro rôsto...

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



Uma bonita fotografia tirada há pouco por MARY MARTIN, talentosa vedeta da PARAMOUNT, que não é menos bonita...

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: LARAINE DAY